



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* "SOCIEDADE, POLÍTICA E
CIDADANIA – OLHARES TRANSDISCIPLINARES"



EDNA RODRIGUES DE OLIVEIRA SOARES

**UM OLHAR VOLTADO PARA OS COVEIROS –
TRABALHADORES INVISÍVEIS**

RONDONÓPOLIS - MT
2018

EDNA RODRIGUES DE OLIVEIRA SOARES

**UM OLHAR VOLTADO PARA OS COVEIROS
TRABALHADORES INVISÍVEIS**

Trabalho de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* “Sociedade, Política e Cidadania – Olhares Transdisciplinares”, Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso, *Campus* de Rondonópolis – CUR, como requisito final de avaliação para conclusão da Especialização.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa.

RONDONÓPOLIS - MT
2018

TERMO DE APROVAÇÃO

Edna Rodrigues de Oliveira Soares

UM OLHAR VOLTADO PARA OS COVEIROS – TRABALHADORES INVISÍVEIS

Trabalho de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* “Sociedade, Política e Cidadania – Olhares Transdisciplinares”, Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso, *Campus* de Rondonópolis – CUR, como requisito final de avaliação para conclusão da Especialização.

Monografia aprovada em ___/_____/_____

Nota:_____

Banca Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz dos Santos de Oliveira Feitosa.
Universidade Federal de Mato Grosso – *Campus* Rondonópolis-MT

Convidado: Prof. Dr. Plínio José Feix.
Universidade Federal de Mato Grosso – *Campus* Rondonópolis-MT

Convidado: Prof. Dr. Sandro Aparecido Lima dos Santos
Universidade Federal de Mato Grosso – *Campus* Cuiabá-MT

*Dedico esse estudo aos meu filhos
Eduardo e Ana Cristina,
Com amor e carinho, em nome de Jesus!*

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor da minha vida! Agradeço a Ti Senhor, pelo amor e condução, pela saúde e a possibilidade de hoje ver mais esse sonho realizado! Sonho, que sonhamos juntos! Obrigada, e todo o meu louvor é para Ti!

À minha mãe Sebastiana e ao meu pai Armindo (in memória), por me ensinarem que o estudo é um tesouro precioso que devemos buscar sempre! Obrigada pelas suas orações.

À minha filha Ana Cristina, minha vida, meu tesouro, que linda neném!!! Obrigada pelo carinho e companheirismo, além de ajudar na gravação das entrevistas da pesquisa de campo!

Ao meu filho Eduardo Junior, criança encantadora, simples e dedicado a Deus! Meu filhotinho lindo, como é maravilhoso ver o homem que você se tornou!

Às minhas irmãs Waldeci, Marielce, Marizete e às minhas primas, que me incentivam sempre e apostam em mim! E à toda minha família, que entenderam que às vezes temos escolhas e nos afastamos, depois nos revemos e mesmo mudados: continuamos uma família e amigos!

Aos professores da Pós, que me instigaram à olhar o mundo de forma diferente. Principalmente neste trabalho, à minha Professora Orientadora Beatriz, por sua dedicação e competência, acho você tão bonita e inteligente!

Obrigada também à você professora Paula, tão atenciosa e carinhosa! Gosto de você e te admiro muito!

Ao meu querido professor Plínio, como você é querido! De tão sábio, as vezes me sinto tão pequenina (risos)!

Ao meu querido e admirado professor Antutérpio (Theo), você é sempre o reflexo da simplicidade, da inteligência e da valorização do ser humano! Obrigada pelos “intelectuais orgânicos” que você me ajudou a conhecer e refletir.

Enfim, a todos os professores da Pós que, com muita sabedoria e graciosa habilidade, me apresentaram um novo mundo de conhecimentos!

Aos colegas da Pós pelas experiências compartilhadas, por fazerem parte desta caminhada e especialmente, às duas grandes amigas – Glayde e Rose – que Deus me presenteou! Vocês duas..., com leituras e discussões sobre nossos trabalhos, muitas vezes “só vocês me entendiam”! Obrigada meninas super poderosas!

Aos professores da Banca pela disposição em ler o trabalho e apontar caminhos! Especialmente ao Professor Sandro, até mesmo pelo empenho e dedicação de sair de outra cidade para vir a Rondonópolis e compartilhar do seu saber nesse momento de avaliação e contribuição.

Aos coveiros/sepultadores entrevistados, que abriram as portas de sua vida profissional para que eu entrasse em sua rotina, conhecesse e, cientificamente, desse visibilidade à sua profissão de coveiro. Obrigada pela disposição em me atender, em meio aos seus afazeres, com alegria e simpatia me revelaram um mundo que eu desconhecia e me parecia tão distante, e ao mesmo tempo, tão perto de mim. Deus os abençoe em todas as dimensões de suas vidas!

Em especial ao Carlos Sérgio, colega na turma do Curso de Administração – UFMT, que tem me enriquecido com seus conhecimentos e dedicação, especialmente, com seus conhecimentos tecnológicos, além de sempre estar disposto a me ajudar nessa seara que é a informática e que sempre precisei!

Por fim, obrigada a todos!

O mover do Espírito

O Espírito Santo se move em você (2x)

Quero que valorize o que você tem
Você é um ser, você é alguém
Tão importante para Deus.
Nada de ficar sofrendo angústia e dor
Neste teu complexo inferior
Dizendo às vezes que não é ninguém.

Eu venho falar do valor que você tem (2x).

Ele está em você, o Espírito Santo se move em você
Até com gemidos inexprimíveis, inexprimíveis.
Daí você pode então perceber
Que pra Ele há algo importante em você
Por isso levante e cante, exalte ao Senhor!

Você tem valor

O Espírito Santo se move em você (3x).

RESUMO

O trabalho como categoria social me instiga estudar algumas profissões que são invisíveis à sociedade, como são os coveiros. Foi a partir dessa inquietude que fiz a escolha do tema para minha pesquisa. Delimitando o tema, optei por pesquisar: Um olhar voltado para os coveiros – trabalhadores invisíveis. Assim, o objetivo desse estudo foi compreender a percepção da sociedade sobre os coveiros enquanto trabalhadores inseridos no mundo do trabalho, a partir dos relatos desses profissionais; e, especificamente, refletir a partir do trabalho de entrevista com os coveiros quais os sentidos eles atribuem à sua profissão de coveiros; analisar a escolha do trabalho de coveiro; ampliar a visão para enxergar quem são esses trabalhadores/coveiros, imprescindíveis no mundo do trabalho. O referencial teórico está ancorado em Bauman (2005), Zelenovic (2008), Rabelo (2014), Cativo *et.al.* (2014), Monteiro *et. al.* (2017), Iraha *et. al.* (2017), Jacques (2012) dentre outros. Essa pesquisa é explicativa com abordagem qualitativa, e o método adotado foi o dialético. Para a coleta de dados, fez-se entrevista com os coveiros, dos quatro cemitérios da cidade de Rondonópolis. Dos dados encontrados, destaca-se a escolha pela profissão; o sentimento de como são vistos pela sociedade; a invisibilidade, o preconceito, a discriminação sofrida pelos coveiros por grande parte da sociedade; a dificuldade de lidar com a morte no início da profissão e no cotidiano, a naturalização da vivência com a morte e, ao mesmo tempo, a ambivalência, pois apesar de ter se tornado uma rotina natural o ofício de coveiro/sepultador, eles ainda se solidarizam com a dor da perda do outro. Mesmo sendo considerados para muitas pessoas como “lixo humano”, são imprescindíveis no mundo do trabalho e invisíveis à sociedade.

Palavras-Chave: Trabalho. Coveiro. Invisibilidade. Escolhas.

ABSTRACT

Work as a social category instigates me to study some professions that are invisible to society, such as gravediggers. It was from this uneasiness that I made the choice of theme for my research. Delimiting the theme I chose to research: A glance towards the gravediggers - invisible workers. Thus, the purpose of this study was to understand the perception of society about the gravediggers as workers inserted in the world of work, based on the reports of these professionals; and specifically, to reflect from the work of interview with the gravediggers what the senses they attribute to their profession of gravediggers; Analyze the choice of gravedigger's job; Expand the vision to see who are these workers / gravediggers, indispensable in the world of work. The theoretical framework is anchored in Bauman (2005), Zelenovic (2008), Rabelo (2014), *Captive et. al.* (2014), Monteiro *et al.* (2017), Iraha *et. al.* (2017), Jacques (2012) and others. This research is explanatory with a qualitative approach, and the method adopted was the dialectic. For the collection of data an interview was made with the gravediggers, from the four cemeteries of the city of Rondonópolis. From the data found, it is important to choose the profession; the feeling of how they are viewed by society; the invisibility, the prejudice, the discrimination suffered by the gravediggers by a large part of society; the difficulty of dealing with death at the beginning of the profession and in the daily life, the naturalization of living with death and, at the same time, ambivalence, for although the office of grave-digger / burial has become a natural routine, they still with the pain of losing the other. Even though they are considered by many as "human waste", they are indispensable in the world of work and invisible to society.

Keywords: Work. Gravedigger. Invisibility. Choices.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2 UM OLHAR VOLTADO PARA OS TRABALHADORES COVEIROS.....	13
2.1 A PROFISSÃO DE COVEIRO.....	17
2.2 OS CEMITÉRIOS NO MUNICÍPIO DE RONDONÓPOLIS.....	19
3 TRABALHADORES COVEIROS: RELATOS, EXPERIÊNCIA E RELAÇÕES DE TRABALHO	23
3.1 O RETRATO SOCIAL DOS COVEIROS.....	23
3.2 O TRABALHO PRÁTICO DOS COVEIROS E SUAS PERSPECTIVAS DE MUDANÇAS.....	25
3.3 A PROFISSÃO DE COVEIRO E A INVISIBILIDADE SOCIAL	28
3.4 A MORTE NO CONTEXTO DE TRABALHO DO COVEIRO.....	43
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERENCIAS.....	49
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	52
APÊNDICE B - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA	53
APÊNDICE C – CARACTERIZAR OS CEMITÉRIOS: ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS ADMINISTRADORES	55
APÊNDICE D – ENTREVISTAS COM OS COVEIROS.....	56

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antes mesmo do advento das máquinas, sempre houve uso da força de trabalho humano. O processo de reestruturação produtiva ou industrialização alterou a vida do trabalhador, pois a maquinaria trouxe a premissa de eliminar o peso do trabalho, com o objetivo de proporcionar mais tempo para o trabalhador vivenciar melhor a vida familiar, o lazer, a cultura, o ócio etc. No entanto, nos dias atuais, o que se constata na prática é a substituição do trabalhador pela máquina. Essa reestruturação produtiva traz como marca fundamental o desemprego, que, segundo Marx, forma um “exército de reserva”, pois são trabalhadores que não voltam mais para o mundo do trabalho.

O trabalho como categoria social me instiga estudar e conhecer algumas profissões que não são visíveis à sociedade, colocando assim os trabalhadores numa condição de invisibilidade, como são os coveiros. Essa invisibilidade constantemente me provoca, ao ponto de me questionar: como a sociedade enxerga os coveiros como trabalhadores inseridos no mundo do trabalho? Foi a partir dessa inquietude que fiz a escolha do tema para minha pesquisa. Porém, para que a pesquisa alcance a qualidade desejada, foi necessário delimitar o tema e o objeto de estudo. Dessa forma, optei por pesquisar: um olhar voltado para os coveiros – trabalhadores invisíveis.

O meu interesse em pesquisar a categoria de trabalhadores invisíveis, atrelado à minha visão profissional e pessoal do social, me deram a alavanca necessária para a pesquisa e o estudo ora proposto.

Dessa forma elenquei um objetivo geral: compreender a percepção da sociedade sobre os coveiros enquanto trabalhadores inseridos no mundo do trabalho, isso a partir dos relatos desses profissionais. E para complementar o estudo e dar confiabilidade à pesquisa, outros objetivos específicos foram elencados: refletir, a partir do trabalho de entrevista com os coveiros, quais os sentidos eles atribuem à sua profissão de coveiros; analisar a escolha do trabalho de coveiro; ampliar a visão para enxergar quem são esses trabalhadores/coveiros, imprescindíveis no mundo do trabalho.

Ao responder tais objetivos, acredito que essa pesquisa com rigor teórico-metodológico sobre trabalhadores invisíveis trará relevância acadêmica para estudiosos em diferentes áreas de pesquisa, visto que, pesquisando os bancos de dados, tais como SPELL, SCIELO, Portal CAPES e o referencial bibliográfico

ancorado em Bauman (2005), Zelenovic (2008), Rabelo (2014), Cativo *et. al.* (2014), Monteiro *et al.* (2017), Iraha *et. al.* (2017) dentre outros, encontrei pouca ou quase nenhuma literatura específica sobre a temática escolhida. Corroborando para elaborar o estado da arte, encontrei Jacques (2012), que também sentiu muita dificuldade para escrever sua Dissertação de Mestrado, pois as referências bibliográficas sobre o estudo proposto são praticamente inexistentes. “Não encontramos (*sic*) qualquer bibliografia sobre a profissão de coveiro, existindo somente livros pouco atuais sobre cemitérios, alguns até muito antigos”. (JACQUES, 2012, p. 17).

Outra contribuição que acredito que essa pesquisa dará é a relevância social, visto que ela ajudará a ampliar a visão da sociedade sobre esse profissional, pois ao falar do trabalho do coveiro, suas escolhas e como a sociedade enxerga aqueles que não vê, evidenciarei a modernidade líquida que a sociedade vive atualmente, com suas mudanças, posturas, comportamentos, pensamentos etc., que a modernidade líquida provoca nas pessoas.

Essa pesquisa é explicativa, isto é, “[...] é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos”. (SEVERINO, 2007, p. 123).

Arelado à pesquisa explicativa, fez-se opção pela abordagem qualitativa, estabelecendo, assim, uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Ou seja, a abordagem qualitativa é um “modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas” (SEVERINO, 2007, p. 119), ou seja, a pesquisa qualitativa é interpretativa, ela se preocupa mais com o processo do que com os resultados.

O método adotado foi o dialético, visto que, segundo Marconi; Lakatos (2010), Severino (2007), a dialética propõe a articulação das partes com o todo, não as separa da totalidade, porque na prática os acontecimentos e os fenômenos históricos e sociais estão articulados.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista estruturada, e a amostra da pesquisa foi composta por trabalhadores coveiros dos quatro cemitérios da cidade de Rondonópolis.

As entrevistas da amostra pesquisada foram gravadas e transcritas integralmente. Após a leitura das entrevistas, levantou-se algumas categorias, que foram tratadas com base no método de análise de conteúdo, seguindo a proposta de

Bardin (1977), e apresentadas em forma de texto, constando fragmentos das entrevistas como suporte à análise e discussão dos dados encontrados. Entre estes se destacam a escolha pela profissão – pela falta de oportunidade e qualificação acadêmica, além da necessidade de subsistência; o sentimento de marginalidade de como são vistos pela sociedade em relação ao “trabalho sujo” realizado por eles; a invisibilidade, o preconceito, a discriminação sofrida pelos coveiros por grande parte da sociedade, mesmo sendo imprescindíveis no mundo do trabalho; a dificuldade de lidar com a morte no início da profissão e no cotidiano, a naturalização da vivência com a morte e, ao mesmo tempo, a ambivalência, pois, apesar de ter se tornado uma rotina natural o ofício de coveiro/sepultador, eles ainda se solidarizam com a dor da perda do outro.

É com satisfação que esse estudo irá ajudar a ampliar a visão da sociedade em relação aos coveiros. Mesmo sendo considerados para muitas pessoas como “lixo humano”, são imprescindíveis no mundo do trabalho e invisíveis à sociedade ao sepultar para sempre aqueles que amamos. Ao mesmo tempo, eles são suporte e presenciam as atitudes e reações dos familiares e amigos diante dessa última e definitiva separação física.

Portanto, a proposta desse Trabalho de Curso é refletir sobre o mundo do trabalho, na tentativa de resgatar um pensamento pertencente ao passado, e nesse mesmo sentido compreender o quanto ele ainda nos serve na contemporaneidade para dialogar e entender o tempo presente em todas e com todas as suas dimensões e nuances históricas referente ao mundo do trabalho e aos coveiros enquanto trabalhadores invisíveis.

2 UM OLHAR VOLTADO PARA OS TRABALHADORES COVEIROS

O homem, ao produzir a sua própria existência, produz a si mesmo, e é através do trabalho, na produção do novo, que o homem se diferencia dos outros animais e constituiu-se como ser humano, ou seja, como ser social, lamamoto (2001).

As transformações que ocorreram no mundo do trabalho durante toda a história, ocasionaram muitos reflexos no comportamento dos indivíduos diante dos modos de produção de bens e riquezas nas organizações sociais.

A literatura corrobora em nos apresentar que o advento da Revolução Industrial no século XIX evidenciou a opressão e exploração da força de trabalho humana. A modernização trouxe consigo as máquinas que, num acelerado processo para obtenção de lucros, provocou várias mudanças na vida dos trabalhadores, visto que a reestruturação produtiva trouxe como marca fundamental o desemprego, como descreve Lima (2004, p. 33), “[...] empresários de vários setores, vêm investindo em agilidade e aumento do volume de produção para poder atender à demanda externa. Para tanto, priorizam a automação, empregando cada vez menos pessoas...”

Nesse mesmo sentido, Santos (s/d), refletindo sobre essa dimensão social do trabalho e na vida do trabalhador, destaca que

Essas mudanças produtivas têm duplo impacto sobre a classe trabalhadora. Por um lado, redefine os perfis profissionais adequados aos novos equipamentos sucateando ocupações e criando outras compatíveis com a nova técnica. Por outro lado, torna dispensável uma parte da mão-de-obra já que se constitui em uma tecnologia poupadora de tempo de trabalho. (SANTOS, s/d, p. 7).

A condição do trabalho humano deve ser pensada historicamente, por isso inicia-se com um exercício de olhar para a história e dialogar com a mesma, visto que, inicialmente a força de trabalho era medida pela força de trabalho de um homem adulto, o provedor, e era baseada somente no necessário para o sustento pessoal e da família. E, com a chegada das máquinas, há uma substituição de parte da força de trabalho humana pelo trabalho desenvolvido pelas máquinas. Essa ampliação da força de trabalho que, antes era apenas do chefe da família, vai se desvalorizando, acumulando, com isso, um grande número de trabalhadores desempregados ou, como denominou Marx (2014), a partir do ingresso das máquinas no mundo do

trabalho, nas sociedades capitalistas criou-se um “exército de reserva”, o excedente, como ele descreve,

Lançando a máquina todos os membros da família do trabalhador no mercado de trabalho, reparte ela o valor da força de trabalho do adulto. A compra, por exemplo, de quatro forças de trabalho componentes de uma família talvez custe mais do que a aquisição, mas, em compensação, se obtêm quatro jornadas de trabalho em lugar de uma, e o preço da força de trabalho cai na proporção em que o trabalho excedente dos quatro ultrapassa o trabalho excedente de um. (MARX, 2014, p. 452).

É nesse contexto de mudanças no modo de produção capitalista que se percebe também, e com maior profundidade, a inserção das mulheres e das crianças no mundo do trabalho assalariado, visto ser mão-de-obra mais barata e disponível, por isso eram cada vez mais apreciadas pelos contratantes. Do ponto de vista do capital, o rendimento da produção não diminuía e pagava-se muito pouco ou não havia nenhum pagamento às mulheres e crianças, e com isso cada vez mais rendia e acumulava o lucro para o capitalista, detentor dos meios de produção.

A educação escolar para essas crianças, quando se tinha acesso, era precária, como descreve Marx (2014),

O espírito da produção capitalista resplandecia vitorioso na redação confusa das chamadas cláusulas de educação das leis fabris, na falta de aparelhagem administrativa, que tornava frequentemente ilusória a obrigatoriedade do ensino, na oposição dos próprios fabricantes contra essa obrigatoriedade e nas suas manhas e trapaças para se furtarem a ela. (...) Antes da lei fabril emendada, de 1844, não eram raros os certificados de frequência à escola subscritos com uma cruz por professores ou professoras que não sabiam escrever. (MARX, 2014, p. 457).

Esse contexto de manipulação da educação, de artimanhas para sufocar os direitos sociais e trabalhistas, atrelado à exploração da única mercadoria que o trabalhador tinha, que era sua força de trabalho, por meio de salários precários e carga horária excessivas, em detrimento da convivência familiar e comunitária, levou a classe trabalhadora a ficar marginalizada na sociedade capitalista. Essa marginalização vem perpassando de século em século, com práticas repetidas até os dias de hoje. Porém, atualmente se apresenta com uma nova roupagem e tornando muitos segmentos da classe trabalhadora em trabalhadores invisíveis.

Pensando na invisibilidade dos trabalhadores, historicamente esta foi materializada na forma como os empregadores “tratavam” seus empregados. Porém, ela se acentua com o capitalismo, o qual chega carregado de práticas de exploração que marcou o período feudal.

Por outro lado, é atual o pensamento de Antunes (2002, p.16 *apud* LIMA, p. 37, 2004), quando esse professor/pesquisador afirma que “Vivemos atualmente diante de um quadro crítico no que diz respeito ao mundo do trabalho e à lógica do capital, caracterizando, entre outros problemas, formas concretas de (des)socialização humana e de fetichização das formas de representações vigentes”.

As representações do mundo urbano e/ou rural começa a partir de uma experiência pessoal e/ou coletiva, seja cognitiva, prática, subjetiva, dentre outras, que leva os indivíduos a perceber o quanto é importante considerar, por exemplo, como as representações do mundo rural exercem uma mediação com o mundo urbano, elementos como: família, férias, lavoura, roça, rio, religião, cheiro de fogão, afazeres, gado no curral, etc.

É partindo dessa compreensão, semelhança e contradição, dependência, autonomia e interdependência nas relações sociais estabelecidas entre o rural e o urbano, mediada pelo mundo do trabalho que, devido a rotina cotidiana, as pessoas não compartilham mais seus conhecimentos, o lazer, a vida comunitária, as experiências vividas, etc. Enfim, trata-se de uma nova roupagem que o capitalismo impôs na dinâmica da vida cotidiana, afastam as pessoas, levando-as muitas vezes ao isolamento, ao egoísmo, individualismo, às doenças psicossomáticas, à loucura e até a morte, como afirma Lima (2004, p. 33): “a raiz dos principais problemas sociais vivenciados pelos mesmos tem sua origem no modo de produção capitalista que, apesar das crises e das retroalimentações sofridas, mantém inalterada a sua base exploratória”.

Isto é, o capitalismo não só se propôs a acentuar o sofrimento do trabalhador, como se tornou cúmplice de sua exploração. Como prolongamento desse sofrimento em diferentes dimensões na vida humana, o capitalismo trouxe outras formas de dor, como, por exemplo, o sofrimento ambiental, visto que, com o avanço desenfreado do capitalismo, grandes áreas foram desmatadas para o cultivo de mono culturas, abertura de estradas para escoamento da produção, sendo inúmeras áreas que foram e ainda são desmatadas aniquilando a vegetação nativa para a criação de gado e a produção agrícola. Este modelo asfixia a produção do pequeno produtor rural,

levando-os muitas vezes a se desterritorializar na esperança de achar um emprego em outro lugar que garanta sua sobrevivência e de sua família.

Nesse processo de desterritorialização e, conseqüentemente, busca de sobrevivência, particularmente, se equipara a aglomerados de exclusão no meio urbano, como explicita Haesbaert (2012):

[...] “aglomerados de exclusão” para traduzir a dimensão geográfica ou espacial dos processos mais extremos de exclusão social porque ela parece expressar bem a condição de “desterritorialização” ou de “territorialização” precária que estamos nos referindo, a começar pelos próprios significados que carrega no sensu comum, explicitados pelo novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa: Aglomeração-ação ou efeito de aglomerar-se; ajuntamento, agrupamento, amontoamento; Aglomerar- 1 juntar, reunir, acumular. 2 ajuntar-se, amontoar-se. Aglomerado – adj. 1 junto, reunido, acumulação, amontoamento. S.m. 2 conjunto reunião aglomeração. (HAESBAERT, 2012, p. 313-314).

O processo de desterritorialização evidenciado por Haesbaert (2012) fica claro quando esse pesquisador afirma que a massa desterritorializada,

[...] é vista em seu sentido “forte”, ou aquele que podemos considerar o mais estrito, a desterritorialização como *exclusão, privação e/ou precarização do território enquanto “recurso” ou apropriação (material e simbólica) indispensável a nossa participação efetiva como membro de uma sociedade.* (HAESBAERT, 2012, p. 315).

A situação de exclusão social que os trabalhadores ainda vivenciam nos dias de hoje e, no contexto caracterizado por Haesbaert (2012), leva à exclusão territorial, isto é, tais condições a que são relegadas esses grupos humanos levou Bauman (2005) a caracterizá-los como “lixo humano”.

Diante das terminologias “massa desterritorializada”, “lixo humano”, “pessoas descartáveis” ou “refugadas”, utilizadas por Haesbaert (2012) e Bauman (2005), para melhor compreender e não sobrecarregar as palavras com estigmas, é mister conceituá-las ancorada no Minidicionário da Língua Portuguesa que Ximenes (2000) descreve da seguinte forma: “sm. 1 Tudo o que se joga fora após a limpeza e/ou a varredura de uma casa, rua etc.; entulho. 2 Coisas inúteis, sem valor. 3 Sujeira, imundice”. (XIMMENES, 2000, p. 587).

A comparação que Bauman (2005) faz do trabalhador e o que é descartável, sem valor de uso, a princípio soa extremamente perverso e desumano. Todavia, ao

partir de uma reflexão mais profunda sobre o mundo do trabalho, ver-se-á que o trabalhador precisa atualizar sua mercadoria força de trabalho para se inserir no mercado de trabalho, caso contrário ficará marginalizado do mundo do trabalho, e será descartado como “lixo humano”, pois será considerado obsoleto, inútil, inadequado.

De acordo com Bauman (1998),

Os desempregados eram “o exército de reserva da mão-de-obra”. Temporariamente sem emprego por motivo de saúde, enfermidade ou dificuldades econômicas correntes, eles deviam ser preparados para reassumir o emprego quando aptos – e prepará-los era então, de um modo geral, a tarefa reconhecida e a incumbência explícita ou tácita dos poderes públicos. Já não acontece desse modo. (BAUMAN, 1998, p. 50).

Diante dessa compreensão de Bauman (1998), percebe-se que na atualidade os “exércitos de reserva” para o Estado representam um problema social. Assim, para a sociedade contemporânea que vive a modernidade líquida – vivência de uma “nova” cultura do lixo, onde tudo e todos são descartáveis, e nesse pacote de mercadoria já inútil está também o trabalhador –, foi-se o tempo em que somente as mercadorias e objetos consumíveis, tais como alimentos, materiais de higiene pessoal, de limpeza, celulares, computadores, etc. eram jogados ao lixo. Nesse contexto de modernidade líquida, segundo Bauman (2005), a sociedade faz com que o trabalhador desempregado desapareça da cena pública.

O sistema capitalista se modifica para continuar existindo, e nessa mudança muda também a cultura que se apresenta numa sociedade cada vez mais fluida, visto que tudo é muito rápido, pois vive-se hoje a Era da Informação. Tudo está atrelado à tecnologia, inclusive as relações afetivas. E nesse contexto está também o trabalhador excluído, bem como o trabalhador invisível, tais como os coveiros no mundo do trabalho.

2.1 A PROFISSÃO DE COVEIRO

Diante das transformações ocorridas no mundo do trabalho desde o último século até os dias atuais, o que se torna mais significativo nas mudanças do perfil do trabalhador diz respeito à necessidade deste desenvolver uma atitude mais autônoma e flexiva diante da nova realidade. Isso ocorre devido, principalmente, à perda dos

vínculos grupais de trabalho estabelecidos em períodos anteriores que lhes davam uma identidade e poder de negociação para a obtenção de melhores benefícios e estabilidade no emprego.

Assim, estreitando o olhar para a profissão de coveiros, e refletindo sobre a perda de vínculos nas diferentes dimensões da vida social, seja empregatícia, econômica e de direitos sociais, bem como a multiplicidade de tarefas atribuídas aos coveiros, Cativo *et. al.* (2014) afirmam que

Na atual dinâmica imposta pelo sistema capitalista de produção, até os que lidam com a morte foram obrigados a vivenciarem essa nova leitura acerca do mundo do trabalho. Os coveiros que há algum tempo atrás só cumpriam o papel de sepultar os mortos, hoje desenvolvem atividades múltiplas dentro de seu universo trabalhista. (CATIVO *ET. AL.*, 2014, p. 2).

Isto é, para garantir uma sintonia do trabalho dos coveiros com os tempos atuais, como afirma Iamamoto (2001), é necessário romper com uma visão endógena (originária no interior de), focalista, prisioneiras em seus muros internos. A todos os profissionais, inclusive ao profissional coveiro, é necessário alargar os horizontes, olhar para mais longe, e se situar na história da sociedade da qual ele é parte. A vista dessa compreensão, Monteiro *et. al.* (2017), embasado em Souza (2013), socializam seus estudos afirmando que

[...] no capitalismo moderno, a inserção dos trabalhadores no mercado de trabalho, principalmente o setor produtivo, está condicionada à detenção de capital cultural (conhecimento técnico e escolar) por parte das pessoas. Para aqueles que não atendem aos requisitos mencionados anteriormente, restaria a realização de trabalhos precários, marginalizados, sujos e humilhantes socialmente, os quais exigem apenas o dispêndio de energia muscular e física. Trabalhos como o da empregada doméstica, da prostituta, do catador de papel e lixo e do lavador de carro são citados pelo autor como exemplos de ocupações marginalizadas e precárias que são exercidas pelos desclassificados sociais. Acrescentamos à sua lista o trabalho de coveiro. (MONTEIRO *ET AL.*, 2017, p. 81).

O exercício da profissão de coveiro a torna um tipo de trabalho na sociedade, uma profissão particular inscrita na divisão social do trabalho da sociedade. O coveiro vende a sua capacidade de trabalho para algumas empresas empregadoras, predominantemente, no município de Rondonópolis-MT, de caráter terceirizado e/ou para cooperativa.

E mais, continuam Monteiro *et. al.* (2017), ancorados em outros estudos, como em Hughes (1962), afirmam que

[...] além da divisão técnica e social do trabalho, há também uma divisão moral e psicológica. Nesse sentido, de acordo com Lhuillier (2014), essa separação cria um campo do trabalho sujo, na qual as atividades laborais são desvalorizadas e estigmatizadas. Ainda segundo esse autor, as profissões que são consideradas pertencentes ao trabalho sujo consistem naquelas que estão na parte inferior da escala moral do trabalho, estando elas remetidas a tarefas física ou simbolicamente humilhantes, degradantes e sujas. Associado a isso, os indivíduos que realizam essas atividades são vistos por parte da sociedade como trabalhadores sujos (ASHFORTH; KREINER, 2014). O conceito de trabalho sujo (*Dirty Work*), como já mencionado, foi elaborado por Hughes (1951) para se referir às atividades profissionais que são vistas por uma parcela significativa da sociedade como um trabalho degradante, nojento, desprestigiado socialmente e contaminado. Além disso, conforme Hughes (1958, p. 122, tradução nossa), trabalho sujo também pode ser entendido como ocupações estigmatizadas que são “física, social e moralmente manchadas”. (MONTEIRO *ET. AL.*, 2017, p. 81).

Ainda, partindo desse contexto teorizado por Monteiro *et. al.* (2017), a profissão de coveiro é *a priori* muito relevante, pois é o coveiro que se coloca entre a vida e a morte. Sua função visível de sepultar o cadáver, aos olhos de muitas pessoas, é visto como um trabalhador invisível e sujo.

2.2 OS CEMITÉRIOS NO MUNICÍPIO DE RONDONÓPOLIS

Conforme os estudos de Pacheco (1986 *apud* SILVA *et. al.*, 2016), o conceito de cemitério

[...] surgiu na Idade Média, período este em que os cadáveres eram enterrados no interior das igrejas e nas áreas vizinhas, mas que foi se transformando, no séc. XVIII, por razões higiênicas e de saúde pública, proibiu-se tais práticas e passou-se a enterrar os cadáveres em regiões ditas como apropriadas. (PACHECO 1986 *APUD* SILVA *ET AL.*, 2016, p.02).

Corroborando com essa compreensão, Jacques (2012) reafirma a questão da higienização do espaço dedicado aos mortos, dizendo que

A partir de meados do século XVIII, os mais ilustrados contestavam que, os enterramentos se realizassem nas igrejas, por questões de higiene. Os corpos deveriam ser enterrados em redor das vilas ou cidades, em lugares altos e ventilados e cercados de muros altos para, assim, evitar a viciação do ar decorrente da putrefação dos corpos. (JACQUES, 2012, p. 23).

Silva *et. al.* (2016) fazem uma importante constatação ao afirmarem que os cemitérios constituem hoje, no Brasil, uma necessidade social. E quanto à configuração dos cemitérios, de acordo com o Ministério do Meio Ambiente e o Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA, que normatizam os cemitérios, esses dois órgãos, aprovam e publicam a Resolução do CONAMA n. 335/2003, no qual dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios. Silva *et. al.* (2016), interpretam esta normativa dizendo que

Os cemitérios são retratados como grandes terrenos contornados e ordenados segundo um determinado processo paisagísticos. A resolução do CONAMA nº 335 de 2003 instaurou regras para organizar a implantação de cemitérios no Brasil e classificou os cemitérios em quatro tipos sendo eles: horizontais, verticais, parques ou jardins e os de animais. (SILVA ET AL., 2016, p. 04).

Por outro lado, no ano anterior à publicação da Resolução do CONAMA, o Ministro de Estado do Trabalho e Emprego, no uso da atribuição que lhe confere o inciso II do parágrafo único do Art. 87 da Constituição Federal, resolve:

Art. 1º - Aprovar a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO, versão 2002, para uso em todo o território nacional. Assim, a Portaria nº 397, de 09 de outubro de 2002, aprova a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO/2002, para uso em todo território nacional e autoriza a sua publicação. De acordo com a MTE/CBO, depois de 20 anos sem modificações, em 2002 a nomenclatura coveiros foi transformada em sepultadores.

Ou seja, a Legislação Trabalhista Brasileira reconhece as profissões que lidam com os corpos sem vida, por meio do Código Brasileiro de Ocupações – CBO (2002), sendo estas registradas no Grande grupo 5 (Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas ou mercados), nas famílias 5165 que refere-se a trabalhadores de serviços funerários e 5166 referente aos trabalhadores auxiliares dos serviços funerários, isto é, nesta categoria registrada sob o número 5166-10 está inserida a ocupação de coveiro ou sepultador.

De acordo como o IBGE (2018), a estimativa populacional para Rondonópolis é de 222.316 e, considerando os dados do último Censo, o total populacional é de 195.476 habitantes. Para essa população existem no município 04 (quatro) cemitérios – todos públicos, dos quais 02 (dois) são administrados por empresas terceirizadas que, conforme Zacariotti (2018), participou de licitação pública em 1996, isto é, são concessões públicas para a iniciativa privada (Cemitério de Vila Aurora e o Cemitério Santa Cruz/Lourencinho); e, por outro lado, os Cemitérios São João Batista/Mata Grande e Cemitério da Vila Paulista), a administração foi terceirizada para uma cooperativa. A quantidade de trabalhadores coveiros nos quatro cemitérios, soma-se 11 (onze).

Os quatro cemitérios são municipais, e juntos tem uma média de duzentos e quarenta e um (241) sepultamentos por mês.

O Cemitério da Vila Paulista, conforme declarado por Silva (2018), foi inaugurado em 1947, com registros de sepultamento nesse período, é o primeiro Cemitério do Município, portanto o mais antigo da cidade. Sua configuração é horizontal, com uma área de 5.214,31 m², e com média de 153 sepultamentos ano. Ele está localizado em região de perímetro urbano, e possui atualmente 01 (um) coveiro, contratado por meio de cooperativa, que trabalha 08h/dia em escala, sendo a cada 02 (dois) dias trabalhados, tira-se 01 (um) dia de descanso. No tocante ao regime de trabalho, as narrativas são divergentes.

Segundo Zacariotti (2018), o Cemitério da Vila Aurora foi inaugurado em 1982, e sua configuração é de cemitério-parque e seculares, com uma área de 10.000 m², e com média de 1.800 sepultamentos ano. Ele está localizado na região Central, é o segundo cemitério mais antigo da cidade, e possui atualmente 05 (cinco) coveiros contratados com vínculo CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas –, que trabalham 08h/dia em escala, sendo a cada cinco (05) dias trabalhados, tira-se um (01) dia de descanso.

Já o Cemitério Santa Cruz/Lourencinho, de acordo com Zacariotti (2018), foi inaugurado em 1988, e sua configuração é de cemitério-parque e seculares, com uma área de 10.000 m², e com média de 720 sepultamentos ano. Ele está localizado na zona rural, sendo o terceiro mais antigo da cidade e possui atualmente dois (02) coveiros contratados com vínculo CLT, que trabalham 08h/dia em escala, sendo a cada cinco (05) dias trabalhados, tira-se um (01) dia de descanso.

O Cemitério São João Batista/Mata Grande, conforme Silva (2018), foi inaugurado em 1999 com função comunitária e administrado pela Igreja Católica; alguns anos depois o poder público municipal assumiu sua administração. Sua configuração é horizontal, com uma área de 26.980,09 m², e com média de 219 sepultamentos ano. Ele fica localizado em região de perímetro urbano, é o quarto cemitério inaugurado na cidade, portanto, o mais novo, e possui atualmente 03 (três) coveiros, contratados por meio de cooperativa, que trabalham 08h/dia em escala, sendo a cada 02 (dois) dias trabalhados, tira-se 01 (um) dia de descanso.

Finalizando a descrição dos quatro (04) cemitérios do município de Rondonópolis, destacando que as configurações dos cemitérios em horizontal e parques, atendem a normatização vigente.

Por fim, para dar continuidade a este estudo, ressalto a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO (2002) que transformou a nomenclatura coveiros em sepultadores, ampliando assim as funções do coveiro e abrindo brechas para contratação do trabalhador com múltiplas funções, a pesquisadora fez opção pela interpretação e nomenclatura coveiros, pois entende que coveiro é aquele trabalhador visível, mas que para muitas pessoas da sociedade é inviabilizado, que lida com a morte, a terra, enterra o defunto e sente a dor do outro pela perda do seu ente querido.

3 TRABALHADORES COVEIROS: RELATOS, EXPERIÊNCIA E RELAÇÕES DE TRABALHO

Do montante de onze (11) coveiros que trabalham distribuídos nos quatro cemitérios da cidade, fez-se o convite aos coveiros, não de forma aleatória, mas tendo como critério estar trabalhando no dia em que foi realizada a coleta de dados. Assim, seis participaram da entrevista, três não foram contatados, pois estavam de folga no dia da coleta de dados, e dois não aceitaram participar da pesquisa (um alegou excesso de trabalho e outro por timidez não quis participar).

Para tanto, será apresentado uma breve identificação de cada um dos seis coveiros/sepultadores que participaram da pesquisa, os quais serão identificados pelas letras A, B, C, D, E, F, visando resguardar a identidade dos mesmos, além de outras informações pertinentes, numa tentativa de compreender o perfil social e o contexto social dos sujeitos pesquisados.

3.1 O RETRATO SOCIAL DOS COVEIROS

Os coveiros entrevistados são todos do sexo masculino; com idade entre 25 e 71 anos, prevalecendo a idade de 31 anos; somente um é solteiro e mora sozinho, os outros cinco são casados e/ou amasiados; três são do Estado de Mato Grosso, sendo que um é natural de Rondonópolis; três são de Estados da Região Nordeste. Os respondentes são 4 negros e 2 brancos e pardos.

Com relação ao tempo de residência na cidade de Rondonópolis, apenas um reside no município há 04 anos sendo 02 anos que trabalha como coveiro. Dois residem há 05 anos na terra que já foi denominada Rio Vermelho, destes, um trabalha como coveiro há 05 anos e outro há 03 anos. Os outros três moram em Rondonópolis há mais de vinte dois anos, e são coveiros há 11, 12 e 17 anos. Antes de escolher a profissão de coveiro, os trabalhadores atuavam na construção civil como pedreiro, servente de pedreiro, na indústria como operador de máquinas e no comércio com vendas.

Quanto à escolaridade, dois atualmente são estudantes, sendo que um cursa o Ensino Médio e outro Ensino Superior; um concluiu o Ensino Médio e os outros três possuem Ensino Fundamental. Ao declarar sua religião, somente um afirmou ser evangélico e outro disse ser católico/espírita, os outros três se auto declararam

católicos. Com relação ao uso de bebida alcoólica, apenas um declarou fazer uso de bebida alcoólica uma vez por semana, os demais disseram que não fazem uso de álcool; e somente dois coveiros declararam ser fumantes.

A descrição do perfil social dos coveiros dos cemitérios do município de Rondonópolis, atrelado e/ou comparando ao mercado de trabalho das agências funerárias, de acordo com Herval; Menezes (2008, *apud* CAPAVERDE *et. al.*, 2017, p. 192), esses estudiosos apontaram que, “em sua maioria, é formado por funcionários que não concluíram o ensino fundamental, mas também há universitários [...]”.

Em suma, para exercer a função de coveiro, de acordo com a formação e experiência descrita pelo MTE/CBO (2002) é necessário: “Para exercer essas ocupações requer-se o ensino fundamental”. Portanto, o perfil social apresentado pelos respondentes, em relação à escolaridade, atende as exigências legais para o exercício da profissão.

Os relatos dos entrevistados em relação à especificidade da função como coveiros, os sujeitos pesquisados foram unânimes em declarar que nenhum possui registro profissional como coveiro, e sim como Auxiliares de Serviços Gerais, Serviços Gerais, Pedreiro, Servente de Pedreiro e Jardineiro. Abaixo algumas das declarações de registro das funções:

... na carteira eu não sou coveiro, na carteira eu sou pedreiro e faço a função de coveiro”. (ENTREVISTADO C, 2018).

...Está escrito na minha carteira, na minha profissão... está como pedreiro. (ENTREVISTADO A, 2018).

...Jardineiro, faço de tudo. (ENTREVISTADO E, 2018).

...Serviços gerais... (ENTREVISTADO B, 2018).

Essa forma de registro profissional fica em desacordo com o que prevê a Portaria n. 397 que afirma no Art. 2º - Determinar que os títulos e códigos constantes na Classificação Brasileira de Ocupações - CBO/2002, sejam adotados; “Item III. nas relações dos empregados admitidos e desligados - CAGED, de que trata a Lei Nº 4923, de 23 de dezembro de 1965”, (BRASIL/PORTARIA, 397, 2002), visto que o registro profissional de acordo com a legislação supra citada, deverá ser “sepultador”, e as funções exercidas por esses trabalhadores são de pedreiro, jardineiro, etc.

Destarte, a invisibilidade dos trabalhadores coveiros está notória desde a forma como se faz o registro da função, haja visto a descrição atualizada da atividade desenvolvida, não está adequada conforme o item “VI. no preenchimento da função registrada na Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS no campo relativo ao contrato de trabalho.” (BRASIL/PORTARIA, 397, 2002).

Refletindo sobre esse contexto, os trabalhadores coveiros possuem baixa escolaridade e, conseqüentemente, baixa qualificação profissional, que, por sua vez, gera baixos salários; conforme declarado pelos entrevistados, a média é um salário mínimo e meio.

Com o intuito de concluir esse retrato social dos coveiros, foi lhes inquerido sobre uso de EPI's – Equipamento Proteção Individual, tais como máscaras, luvas, botas, óculos etc., e, ao perguntar aos entrevistados se eles usavam EPI, todos disseram que recebem os equipamentos e usam, porém, o Entrevistado F, acrescentou:

Sim! Quando é necessário... quando... eu tenho que fazer esse serviço que é mais minucioso, tem que ser com mais cautela, então eu tenho que usar... tenho todos os recursos, equipamentos que eu tenho que usar óculos, bota, luvas, né! Todo esse equipamento, tem que ser utilizado. (ENTREVISTADO F, 2018).

Além dos equipamentos, os trabalhadores usam diariamente o uniforme e bota com solado de borracha que são fornecidos pela empresa que os contrata.

3.2 O TRABALHO PRÁTICO DOS COVEIROS E SUAS PERSPECTIVAS DE MUDANÇAS

Ainda conforme o MTE/CBO (2002), a descrição sumária das atividades dos trabalhadores coveiros está assim organizada:

Auxiliam nos serviços funerários, constróem, preparam, limpam, abrem e fecham sepulturas. Realizam sepultamento, exumam e cremam cadáveres, trasladam corpos e despojos. Conservam cemitérios, máquinas e ferramentas de trabalho. Zelam pela segurança do cemitério. (BRASIL/MTE/CBO, 2002).

Diante da descrição do retrato social dos trabalhadores coveiros e de suas funções, conforme a CBO (2002), analisando a quantidade de trabalhadores para o cumprimento de suas atividades, os coveiros fizeram as seguintes declarações:

Nois tudo, faz uma coisa só... Faz enterro... tudo... Aqui nois é um pelo outro, né... (ENTREVISTADO, D).

Eu e o outro de coveiro, né... Ele é jardineiro, mas quando o trem aperta, nós embola ele junto, trabalha tudo junto... Nois trabalha tudo em equipe. (ENTREVISTADO, C).

Essa forma de se organizar pela cooperação, isto é, de trabalho coletivo, só é possível quando o grupo trabalha por afinidades, com o mesmo objetivo, um influenciando o outro, ou, como afirma Jacques (2012, p. 40), “O trabalho é pesado mas repartido, o que o torna menos árduo”. E, complementando, Iraha *et. al.* (2017, p. 314) afirmam que “A cooperação possibilita o reconhecimento do trabalhador por seus colegas de trabalho, dando um sentido às atividades realizadas em seu cotidiano e a si mesmo como trabalhador”.

E mais, é importante ressaltar ainda que essa organização informal não é planejada, ela surge naturalmente, fruto das relações por afinidades sociais e profissionais que emergem, “principalmente confiança e reconhecimento entre os integrantes das equipes”, Iraha *et. al.* (2017, p. 317).

As psicólogas Iraha *et. al.* (2017), afirmam que os coveiros utilizam a cooperação entre eles como uma estratégia defensiva, ou seja, é

[...] como uma forma de tornar suportável o que é da ordem do repugnante em nossa cultura: a lida com o corpo morto e em decomposição. Houve relatos das relações com os colegas de serviços que demonstram bons relacionamentos, coleguismo e cooperação, condições necessárias para a manutenção da saúde mental frente aos desgastes do trabalho de coveiro. Alguns entrevistados disseram que trabalhar com os seus colegas os fazem permanecer neste trabalho. (IRAHA ET. AL., 2017, p. 317).

Talvez esse companheirismo atrelado ao valor agregado ao seu salário que é sua aposentadoria por idade e tempo de contribuição seja uma variável que corrobora para que o Entrevistado D (2018) declarasse que não pensa em mudar de profissão, como ele disse “[...] Por que quando eu for sair eu não vou trabalhar mesmo... (risos)”. (ENTREVISTADO D, 2018).

Ou ainda, ao fazer uma leitura de mundo, mesmo que empiricamente, o Entrevistado D (2018) enxerga o mundo do trabalho como afirma Bauman (2005, p. 22), “Os desempregados da sociedade de produtores (incluindo aqueles temporariamente afastados da linha de produção) podem ter sido desgraçados e miseráveis, mas seu lugar na sociedade era seguro e inquestionável”.

Destacando ainda essa cumplicidade e coleguismo, é importante descrever que, conforme relatado pelos Entrevistados C e D (2018), ambos trabalhavam juntos no setor industrial e exerciam a mesma profissão. Com as mudanças no mundo do trabalho e a necessidade de nova inserção no mercado de trabalho, a função de coveiro ao lado do companheiro foi uma opção que “apareceu no momento oportuno”, declarou o Entrevistado D (2018).

Acompanhando essa construção de pensamento sobre suas perspectivas de futuro profissional, o Entrevistado C (2018) declarou que pensa em mudar de profissão, porém, disse ele “Eu te... eu tenho! Mas... só que a idade já avançada também, nun...”.

Essa notória compreensão empírica, nos leva mais uma vez à afirmação de Bauman (2005, p. 22) quando esse sociólogo diz que os trabalhadores, dentre eles os coveiros, “Só podem estar certos de uma coisa: excluídos do único jogo disponível, não são mais jogadores – e, portanto, não são mais necessários”.

Continuando, ao questionar os entrevistados sobre suas perspectivas de futuro profissional, alguns disseram:

No momento eu penso em trabalhar mais uns tempos ainda aqui. Mais uns 3 ou 4 anos... Ai quem sabe procurar outra profissão... (ENTREVISTADO A, 2018).

Olha, pensar a gente pensa, eu até a princípio falei com minha esposa... esse ano não que já não dá mais... Mas, ano que vem eu pretendo terminar nem... meus estudos que eu não terminei, é incompleto o 3º ano... E fazer uma faculdade. Eu gosto muito de Educação Física. (ENTREVISTADO E, 2018).

Na verdade, minha vida profissional. Eu penso... eu tô estudando eu faço curso de história na UFMT tô no 5º semestre. Agora tá na greve deu uma paradinha mais acredito que vai continuar. Eh... minha esperança é melhoras né! Isso daqui é apenas um serviço que eu tenho por enquanto, mais isso daqui não tem nada seguro penso melhorar e terminar o curso superior se eu poder fazer... fazer uma pós, é... se eu conseguir fazer num sei, Deus sabe! E melhorar né! A tendência é essa! (ENTREVISTADO F, 2018).

Essa busca do novo que está perto/longe, traz à reflexão o pensamento de Bauman (2005), quando, ao comentar sobre as transformações ocorridas nas relações sociais e profissionais nessa sociedade de consumidores, onde se percebe a descartabilidade dos trabalhadores, esse estudioso afirma que

A educação superior se tornou a condição mínima de esperança até mesmo de uma duvidosa chance de vida digna e segura (o que não significa que um diploma garanta uma viagem tranquila; apenas parece fazer isso porque continua sendo o privilégio de uma minoria). (BAUMAN, 2005, p. 23).

E corroborando com essa afirmação, Cativo; Weil (2015, p. 9) complementam, dizendo que a “baixa escolaridade é um dos fatores que levam estes trabalhadores a buscarem a profissão de coveiro”.

As afirmações Bauman (2005) e de Cativo; Weil (2015) ficam mais evidentes nas palavras expressadas pelos Entrevistados E e F (2018), haja visto que ambos almejam outra oportunidade profissional por meio de um grau maior de estudo. Por outro lado, o Entrevistado A (2018) declarou que deseja mudar de profissão, porém, disse que não tem intenção de retomar ao estudos.

3.3 A PROFISSÃO DE COVEIRO E A INVISIBILIDADE SOCIAL

A década de 1980 presenciou, nos países de capitalismo avançado, profundas transformações no mundo do trabalho, impulsionadas pelas mudanças tecnológicas, de acordo com Antunes (1999). Esse professor afirma ainda que “O mais brutal resultado dessas transformações é a expansão, sem precedentes na era moderna, do *desemprego estrutural*”, (ANTUNUES, 1999, p. 41).

É nesse mesmo mundo/mercado de trabalho, que exclui os mais jovens e os mais velhos, que o trabalho se mostra como fundante de realização do ser social, como afirma Antunes (1999, p. 12), “o processo de trabalho se converte em meio de subsistência”.

Em meio a essa realidade problemática até para a sobrevivência, se efetivaram as escolhas da profissão de coveiro, como declarado pelos entrevistados:

Oh! Para começar, estudo a gente não tem, e outra apareceu uma oportunidade eu estou até hoje. Há 12 anos, aqui né. Falar a verdade, né. (ENTREVISTADO D, 2018).

Por que... no momento era o que tinha na verdade, ne. (ENTREVISTADO B, 2018).

Geralmente, eu nem escolhi, né! Tava precisando de trabalho e arrumei serviço no cemitério e comecei com ajudante gerais... Ai com um tempo, passar... que me promoveram. (ENTREVISTADO A, 2018).

O que me levou a escolha foi oh... como se diz eh... a precisão, eu tava precisando do serviço e... como já se... eu não escolho aonde trabalhar. (ENTREVISTADO E, 2018).

Na verdade... não foi bem uma escolha! Foi por necessidade, né! Que eu moro aqui na vila, e através da facilidade. Eu trabalhava na cidade e eu tinha que sair daqui... correndo risco. Ai eu optei, eu encontrei essa vaga aqui, optei trabalhar aqui perto de casa, mais por facilidade. Eh!!! Praticidade... (ENTREVISTADO F, 2018).

Partindo dos trechos supracitados e, de acordo com Iamamoto (2001, p. 17), “O momento que vivemos é um momento pleno de desafios. Mais do que nunca é preciso ter coragem, é preciso ter esperanças para enfrentar o presente. É preciso resistir e sonhar”. A verdade é que os profissionais são desafiados cotidianamente em suas possibilidades de trabalho. E conforme as declarações dos trabalhadores coveiros, nenhum deles escolheu essa profissão, todos aceitaram o desafio de ser coveiro em função das necessidades pessoais e profissionais – por falta de opção, ou seja, fundamentalmente devido às condições materiais de existência, parafraseando Karl Marx.

O trabalho mostra-se como condição para a própria existência do trabalhador, que, segundo Antunes (1999, p. 123), “é o ponto de partida para a humanização do ser social e o “motor decisivo do processo de humanização do homem””. E é nesse cenário de busca pela sobrevivência e condição para sua existência humana que os coveiros aceitaram o desafio de serem sepultadores, enterrar cadáveres; ou, como afirmam Costa; Rodrigues (2017, p. 1537), “...não optaram concretamente pelo trabalho de coveiro, mas ocupavam tal função por encaminhamento da própria estrutura organizacional”. Sobre a “escolha” da profissão de coveiro, a pesquisa de Cativo *et. al.*, (2014, p. 7-8) revelou a seguinte afirmação: “Quando perguntado se desejavam ser coveiro, os mesmos foram unânimes em dizer que “não”, e que se

existisse outra oportunidade, um grau de estudo melhor, eles almejavam outras profissões.”

Dessa forma, na confluência desses fatores, percebe-se que atualmente segmentos cada vez maiores da população tornam-se “pessoas descartáveis”, “refugadas”, colocando em risco para essas pessoas a possibilidade de defesa e reprodução da própria vida, segundo Bauman (2005) e Yamamoto (2001).

Diante desse contexto, é relevante a pesquisa de Costa; Rodrigues (2017), quando essas pesquisadoras, discutindo os sentimentos dos coveiros em relação ao seu trabalho, apontam que dentre esses sentimentos

Estão presentes: a questão da invisibilidade da profissão, do isolamento social, da vergonha que se embute ao descreverem o que realizam no trabalho, da percepção social de que o coveiro é um trabalho para os que foram “excluídos socialmente”, ou até considerados “escórias sociais”. (COSTA; RODRIGUES, 2017, p. 1538).

Assim, com teimosa persistência e invisibilidade, os coveiros/sepultadores inseridos no mundo do trabalho constroem, organizam e dão sentido ao seu trabalho cotidianamente, como explicitado por eles nos trechos a seguir:

Eu acho assim, que é normal pra nois, é um serviço comum, que nois, só mexe com o sentimento dos outros, né. (ENTREVISTADO D, 2018).

... é normal. É como qualquer outro serviço qualquer. Pra mim não faz diferença. (ENTREVISTADO C, 2018).

Ai eu, eu me sinto... contente, gratificado por isso. Por que é um serviço normal como qualquer um. Até, por que... a gente... atende uma demanda de... nos últimos momentos de uma família... está ali diante de um parente que perdeu. (ENTREVISTADO F, 2018).

Ao declarar os sentidos que esses trabalhadores dão ao seu trabalho, fica evidente um misto de significados que perpassa os sentimentos (a dor da outra pessoa), a normalidade para executar as funções e a compreensão de que sepultar cadáveres é um serviço normal como outro qualquer.

Todavia, ao declarar essa naturalidade do seu trabalho, “[...] é normal! Como se fosse qualquer outro trabalho, quando eu saio daqui eu... eu as vezes eu nem lembro que trabalho aqui! Risos... Por que, eu acho que ele é um serviço... quase

normal que nem os outros”. (ENTREVISTADO A, 2018). O trabalhador repete o significado acrescentando a palavra “quase” que normal, ao ponto de não se lembrar quais funções exerce ao sair do cemitério. Essa observação traz à baila um pensamento de Cury (2015), quando ele diz que toda escolha traz frustrações e não apenas ganhos. E continuando, ainda nessa mesma declaração, o Entrevistado A disse: “eu as vezes eu nem lembro que trabalho aqui! Risos...” Essa dispersão ou separação entre o sentido do trabalho executado e posteriormente, ao ambiente social, pode estar relacionado ao uso de bebida alcoólica, visto que esse coveiro declarou que faz uso de bebida alcoólica pelo menos uma vez por semana; e de acordo com os estudos de Jacques (2012, p. 52), “Não obstante, o álcool constitui, segundo a opinião generalizada, um regulador emocional e é considerado uma forma de terapia para estes profissionais”.

Por outro lado, embora o Entrevistado E (2018) tenha afirmado que gosta do que faz, que aprendeu a gostar, “Olha eu gosto muito do que eu faço. Aprendi a gostar muito do que eu faço. Hoje eu não me vejo fazendo outro serviço não, entendeu! É... Essa área de coveiro, pedreiro... eu gosto do que eu faço”, esse mesmo trabalhadora ao comentar suas expectativas de futuro profissional, declarou o sonho de cursar um curso superior (Educação Física).

Essa dualidade e contradição encontrada nas falas dos coveiros criou um viés que permitiu a análise de suas falas olhando para outra dimensão, ou seja, dimensão essa que se relaciona ao preconceito ou à discriminação social devido ao trabalho que esses trabalhadores realizam, como declarou o Entrevistado C (2018):

Por exemplo, igual eu no ônibus. Uma vez, eu vinha de ônibus, nessa época eu não tinha moto eu andava era de ônibus. Eu vinha pegado a mão no canto aí a mulher chegou e triscou na minha mão ela saiu limpando e segurando as mão nos bancos foi para lá atrás. Risos... Só foi olhar na minha roupa, quando viu esse emblema, (...) foi para lá trás... só porque a mulher triscou na minha mão, ela saiu de fasto até ela chegar lá atrás do ônibus grudando pelas cadeiras. Só porque olhou o emblema da minha camisa. Isso aí já é uma discriminação. Pois é, isso é uma... uma coisa que, por a gente ser coveiro... Mas, a gente também... tem que ter o respeito pela gente porque não é por causa que a gente tá... no trabalho desse não é porque gosta, porque sempre a gente... faz porque precisa, né. (ENTREVISTADO C, 2018).

De acordo com Goffman (1982, p. 11-12), “A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas (...). Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir

evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente dos outros [...]”. Conforme a fala do Entrevistado C, e embasado no conceito de Goffman (1982), é possível identificar a discriminação que a sociedade faz do profissional coveiro/sepultador, invisibilizando-o, ou, como afirma Bauman (2005), enxergando-os como “lixo humano”, não querendo sequer se aproximar.

Corroborando com o Entrevistado C, o Entrevistado F (2018) disse que “tem pessoas que não gostam nem de andar perto de coveiro, se você fala que você é coveiro!” Essa memória social encontra eco nas palavras de Bauman (2005, p. 38), quando ele diz que “A história em que e com que crescemos não tem interesse no lixo. Segundo essa história, o que interessa é o produto, não o refugo”. Isso porque, continua Bauman (*ibidem*), “O refugo é o segredo sombrio e vergonhoso de toda população”.

Nesse processo de confronto, do ponto de vista conceitual, é importante o pensamento de Yazbek (1996, p. 75) quando essa professora/pesquisadora comenta sobre identidade social, afirmando que a identidade “é aquilo que o diferencia e o que o torna um igual”. Ou seja, a identidade social é uma categoria em movimento marcada pelo confronto com o outro.

Ainda com o objetivo de mostrar o preconceito sofrido pelos coveiros, advindo de parte da sociedade, em sua declaração, o Entrevistado C relatou uma situação cômica que ocorreu com ele e que demonstra que a sociedade os discrimina pela sua profissão, disse ele:

Tá que nem perto de casa, moço! Morreu um cara lá e eu peguei fui lá no velório chamar um amigo da gente que mora do lado da casa da gente. Quando eu cheguei o cara já olhou para mim. Oh! lá, lá, lá, oh! Já vem o coveiro buscar. Olha pra você vê! (ENTREVISTADO C, 2018).

Ao que ele respondeu: “O coveiro já veio buscar? Falei: rapaz, eu não trabalho de funerária, não! Eu recebo é lá não busco não!”

Para Goffman (1982, p. 59), “Quando um estigma de um indivíduo é muito visível, o simples fato de que ele entre em contato com outros levará o seu estigma a ser conhecido”.

A visibilidade pode ser um fator crucial, por isso Goffman (1982, p. 13) diz que “Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso”. A fala do

Entrevistado C mostrou nitidamente essa conceituação de Goffman (1982), visto que a tal provocação, o coveiro continuou: “Só que tiro sarro assim, tiro de letra e vou embora”. Essa relativização da situação ocorrida ou a saída tácita do trabalhador da cena social é uma afirmação de que “A crítica fere uma pessoa, o preconceito anula-a”. (CURY, 2015, p. 124).

E para ampliar o olhar da sociedade sobre tais situações de preconceito em relação ao trabalho profissional dos coveiros, Yamamoto (2001, p. 105) diz que “as discriminações sociais de gênero, raça e etnia, vicejam na formação cultural do país e ultrapassam largamente as fronteiras do meio profissional, embora nele também se atualizem”. Ou seja, a sociedade absorve tanto a imagem social do coveiro de forma negativa e preconceituosa, que a recria cotidianamente por meio até de “brincadeiras”.

Por fim, afirmam Monteiro *et. al.* (2017, p. 82), “a ponderação social é usada pelos profissionais estigmatizados contra os discursos dos outros sujeitos não membros desses grupos que os censuram ou que os têm como um outro menosprezado”.

Para Goffman (1982, p. 14), o estigma pode ser mencionado em três tipos, dentre eles o preconceito sofrido pelo Entrevistado C, se caracteriza pelos “estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linguagem e contaminar por igual todos os membros de uma família”.

Essa característica da situação de vida profissional do indivíduo estigmatizado se materializa na fala do Entrevistado E (2018) quando ele comenta sobre sua preocupação com as filhas,

[...] minhas filhas até gosta de falar (risos)... falar pros outros amigos que tem um pai coveiro. A princípio eu fiquei até meio assim... um pouco com medo da maiorzinha sofrer um tipo de... sei lá de... de brincadeira na escola. Ela fala isso! Mas, não ela não liga para isso não. (ENTREVISTADO E, 2018).

De acordo com Yazbek (1996, p. 74-75), “Sentimento, pensamento e ação emergem da experiência social. Cada indivíduo é uma construção social, e é na corrente dos acontecimentos sócio-histórico que se cunha seu lugar social”.

É por isso que, diante da realidade social/profissional do Entrevistado E, Zelenovic (2008, p. 24) nos convida a refletir sobre o lugar que ele está inserido, visto que “O cemitério sempre foi representado pelo senso comum como um lugar de pavor

e de muito medo; basta ver a expressão de surpresa no rosto das pessoas quando ouvem alguém dizer que trabalha num cemitério”.

Para Bauman (2008, p. 8), “O medo é mais assustador quando difuso, disperso, [...] sem endereço nem motivo claros” [...]. Portanto, afirma Bauman (2008, p. 9), “o medo é um sentimento conhecido de toda criatura viva” e é por isso que a preocupação do Entrevista E, segundo o conceito de medo clarificado por Bauman (2008, p.8), “[...] é o nome que damos a nossa *incerteza*: nossa *ignorância* da ameaça e do que deve *ser feito* - do que pode e do que não pode - para *fazê-la parar* ou enfrentá-la, [...]”.

Isto é, o medo do Entrevistado E tem fundamento emocional e social, pois, segundo Jacques (2012, p. 41), os coveiros “Na generalidade, assumem o que fazem, embora alguns ainda escondam da família e dos amigos, por preconceito social”. Segundo os estudos de Bauman (1998, p. 10), “Qualquer valor só é um valor graças à perda de outros valores, que se tem de sofrer a fim de obtê-los”.

Partindo dessa compreensão, é importante salientar a dimensão reconhecimento que a sociedade tem da profissão de coveiro, por isso as falas dos coveiros/sepultadores sobre a percepção que eles têm da sociedade em relação ao trabalho por eles desenvolvidos. Os pequenos fragmentos sobre suas falas evidenciam isso:

Tem muitos que você acaba de fazer o sepultamento, ele vem te agradece tudo, mas já tem outros... (ENTREVISTADO C, 2018).

Algumas pessoas sim! Outras não! Algumas pessoas acho que num... vê o nosso como um trabalho, entendeu! (ENTREVISTADO A, 2018).

Muitas vezes, quando acaba de fazer um sepultamento, muitas pessoas reconhecem... algumas, né não todas... agradece esse aí é o seu serviço, então, é um serviço como qualquer um, muitos falam como qualquer um... você prestou seu serviço bem né! Fiz! Mas, outros, na verdade! Não! Não, consideram né! Ou seja, não é que não consideram! Menosprezam... rejeitam... (risos), ah uma rejeição, né! (ENTREVISTADO F, 2018).

Essa necessidade de reconhecimento ou tornar-se visível fica claro na fala de Iraha *et. al.* (2017, p. 314) quando essas psicólogas afirmam que “O reconhecimento é uma retribuição de natureza simbólica esperada pelo sujeito devido a sua contribuição em superar os desafios do trabalho. Essa retribuição passa pela reconstrução dos julgamentos relacionados ao trabalho realizado”.

Por outro lado, dando continuidade as suas pesquisas, Iraha *et. al.* (2017, p. 315) observam “que há um sentimento de depreciação em relação ao seu trabalho pela sociedade, bem como a invisibilidade, relatada através do sentimento de “desvalorização” da função, pelas famílias durante os sepultamentos”.

Essa observação que as psicólogas apresentam é confirmada por Bauman (2005, p. 39) quando diz: “Não importa o quanto se tente, a fronteira que separa o “produto útil” do “refugo” é uma zona cinzenta: um reino da indefinição, da incerteza – e do perigo”, ou seja, Bauman (2005) chama a atenção para o fato de que, uma vez excluído e destinado ao lixo, não há alternativas de aproveitamento, pois todas as divisas provocam ambivalência.

A produção e reprodução da vida social dá a âncora necessária para Rabelo (2014, p. 43) confirmar que “O preconceito social é apenas um dos elementos associados à profissão do coveiro”.

O que se observa no conjunto das declarações coletadas entre os profissionais coveiros/sepultadores, é que a necessidade do trabalho para subsistência e a forma encontrada por esses trabalhadores para produzir os meios de satisfazer suas necessidades básicas é vista pela sociedade como um trabalho que causa nojo, como afirmou o Entrevistado A (2018): “Acho que eles sentem tipo nojo... pelo que você faz. Acho que é pelo serviço que você faz”.

Essa ideia preconcebida pela sociedade sobre o trabalho profissional do coveiro são práticas recorrentes que se materializam no cotidiano desses trabalhadores, como é possível verificar nos recortes de suas falas:

Eh! Que! Não dar valor em nois, nois é tipo a pessoa... Nois tá, eu e o cara chega é poucos que agradece, os outros... fica a é o coveiro... é isso é aquilo... é os urubus... (risos), é papa defunto, então... tudo isso é... é... é, eles condenam nois. (ENTREVISTADO D, 2018).

Rapaz! Nem todos... Mas, muitos... muitos enxergam pro lado errado, por causa que discrimina muito a gente, né. (ENTREVISTADO C, 2018).

Os coveiros são frequentemente estranhos, invisíveis para a sociedade ou invisibilizados pela sociedade, e por vezes são vistos e denominados por nomes que os remete a depreciação, a “coisa suja”, como a expressão ouvida e verbalizada pelo Entrevistado D. É mister reafirmar “O conceito de trabalho sujo (...) referir às atividades

profissionais que são vistas por uma parcela significativa da sociedade como um trabalho degradante, nojento, desprestigiado socialmente e contaminado”, Monteiro *et. al.* (2017, p. 81).

E ainda tentando explicar essa relação que a sociedade faz do coveiro com algo sujo, Iraha *et. al.* (2017, p. 310) contribuem dizendo que é porque “A morte causa nojo, repulsa e horror e de certa forma o mal-estar relacionado a ela, acaba sendo “transferido” para os trabalhadores, sujeitos do contexto em que vivemos. Como consequência disso há desvalorização deste tipo de trabalho [...]”.

É nesse contexto social que Rabelo (2014, p. 32) faz uma importante afirmação ao constatar que “Vivos e mortos sempre estiveram ligados por algum sistema de crenças a partir das características socioculturais de cada sociedade”. Seguindo essa linha de pensamento, Bauman (2005) ressalta que é interessante compreender que a visão da sociedade sobre sujeira faz parte de um todo e é nesse todo que se encontra, por exemplo, a cultura.

A questão cultural é a priori o ponto central para explicar essa invisibilidade e/ou distanciamento que a sociedade faz questão de manter em relação os coveiros, como demonstrado por Motta (2009), citado por Iraha *et. al.* (2017), que complementam essa interpretação dizendo:

Motta explicita a dificuldade de se conviver com cadáveres em nossa cultura: “uma das primeiras práticas socioculturais de que se têm notícia é a ocultação do cadáver como meio de preservar os vivos da decomposição de seus mortos” (MOTTA, 2009, p. 73). Esta visão afeta o modo como os coveiros são percebidos e tratados pela sociedade, já que eles têm contato direto com os corpos mortos. (MOTTA, 2009 APUD IRAHA, ET. AL., 2017, p. 310).

Portanto, essa visão que a sociedade tem do “lixo humano” deve-se à necessidade de tê-lo em seu meio, ignorando-o ou descartando-o por meio de “tratamento” que o inviabilize ou estigmatize-o, como garante Bauman (2005, p. 32), “O lixo é ao mesmo tempo divino e satânico. É a parteira de toda criação – e seu mais formidável obstáculo. O lixo é sublime: uma mistura singular de atração e repulsa que produz um composto, também singular, de terror e medo”.

É desse trabalhador/coveiro, “lixo humano” que a sociedade tem “O desejo de se fazer diferente do que é, de se refazer, e de continuar se refazendo”, Bauman (2005, p. 34).

Para Zelenovic (2008, p. 24) “existem várias questões pertinentes que continuam a contribuir para a visão preconceituosa, associada a um trabalho “sujo” e desprestigiante, que as pessoas têm formado ao longo dos séculos sobre os coveiros”.

Sem dúvida, Rabelo (2014, p. 43) afirma que “os coveiros são desvalorizados socialmente, são deixados à margem, ficando com o trabalho “sujo”, tanto no sentido de ser quem trabalha diretamente com a terra, quanto no sentido de estar trabalhando com o que se busca negar”.

Assim, para adentrar ainda mais nesse universo dos coveiros, o relato do Entrevistado F, além de mostrar a rejeição e o menosprezo da sociedade pelos profissionais coveiros, esse mesmo trecho aponta para outro viés de análise de cunho religioso, segue:

Muitas vezes, eu observo e vejo até aqui pelas pessoas que vem aqui no cemitério, acompanhando o sepultamento dos seu parentes. Aohhh! Uma rejeição né! Assim, por que eles consideram que isso aqui é um serviço, assim, complicado e para eles, eles tem na cabeça que tem espírito, aparecem espíritos, assombrado, então, o meu pensamento é que eles tem uma imagem de exorcismo parece na cabeça sobre cemitério.... mas não tem nada haver... eu penso que a população pensa dessa forma... mas quando, na verdade, na verdade o cemitério é um lugar aonde tem memórias que permanece, por que isso aqui é apenas matérias. Mas a memória permanece, são memórias indelévels, quer dizer: continua para sempre... É um serviço que é menosprezado, é um serviço que rejeitado, (ENTREVISTADO F, 2018).

Iraha *et. al.* (2017) enfatizam que a religião é outra forma que se apresenta como mecanismos de defesa desses trabalhadores coveiros, e se assim não for, sem essa inquietação, sem questionamentos, muitos profissionais se sentiriam despreparados para assumir suas funções de coveiro, pois o local/cemitério poderá despertar fantasmas que estão escondidos no mais profundo do seu íntimo.

Está claro na fala do entrevistado F o discurso com conotação religiosa. Ele se apropria da religião como mecanismo de defesa, isto é, quando ele diz: “eles tem na cabeça que tem espírito, aparecem espíritos, assombrado... exorcismo”. Assim, para Capaverde *et. al.* (2017),

a relevância dessa percepção para a reflexão proposta nesse estudo se relaciona com o fato de que o mesmo trabalhador, se

integrante de outra ambiência de trabalho, a qual não incitasse a convivência com a morte, muito provavelmente não necessitaria evocar questões religiosas para melhor relacionar-se com seu objeto de trabalho. (CAPAVERDE, *ET. AL.*, 2017, p. 200).

Ainda refletindo nas palavras do entrevistado F, quando ele diz que nos cemitérios “(...) a memória permanece, são memórias indeléveis, quer dizer: continua para sempre (...)”. Nesse sentido, Santos (2002 *apud* RABELO, 2014, p. 39) complementa dizendo que os cemitérios, como lugares de memórias, são “os suportes da memória na vida cotidiana, referências do passado e vínculos entre gerações, têm sido substituídos por lugares e objetos específicos de memória nas sociedades modernas”.

Perseguindo o rumo das reflexões aqui pontuadas e a partir das falas dos coveiros, estas trazem uma rica contribuição no sentido de pensar esse universo desconhecido e invisível para muitas pessoas, pois é bem verdade que pouco se sabe sobre esse contexto que adentra os muros do cemitério e as funções do trabalho de coveiro.

Para Zelenovic (2008), dentre as profissões que trabalham com a morte, os coveiros possuem uma relevância social muito grande, visto que eles são os únicos que realizam o enterro do cadáver, todavia, são poucas as pessoas que se movimentam para enxergar esse trabalhador, inclusive pelos órgãos públicos, como afirma o Entrevistado E (2018),

Olha, creio eu, que a gente é pouco lembrado. Tanto pela sociedade... é que, você vê muitas vezes a prefeitura fala bem assim: vamos colocar os serviços que seriam essenciais que ficariam abertos aos feriados, falam todos os órgãos. Mas, não fala o cemitério. Cemitério não fecha é de domingo a domingo! (ENTREVISTADO E, 2018).

Resumindo e confirmando a declaração dos coveiros, Iraha *et. al.* (2017, p. 317) dizem que “(...) a principal queixa dos profissionais entrevistados é o pouco reconhecimento da sociedade sobre a importância do trabalho do coveiro”.

O fazer profissional do coveiro na sociedade é imprescindível, como destaca Rabelo (2014, p. 44), “Fazer um trabalho que ninguém quer, mas que é indispensável para o próprio funcionamento da sociedade [...]”. Todavia, conforme declarado pelos entrevistados, é imprescindível sim,

Sem sombra se duvidada! Eu falo assim que... cada profissão tem a sua... sua avalia, né! A minha por exemplo, tem um médico que precisa... você precisa de um médico ou a família que perde um ente querido ela precisa de alguém para fazer aquele tipo de serviço ou acaba sobrando para ela mesmo. Entendeu! Eu acho que é indispensável, né! (ENTREVISTADO E, 2018).

Na fala desse Entrevistado, ele faz uma comparação com outro profissional que da mesma forma lida com a morte – o médico, todavia, esse profissional não lida com o trabalho sujo como os coveiros – trabalho sujo, no sentido de ser quem trabalha diretamente com a terra, e também o médico não sofre o mesmo estigma que os coveiros sofrem por parte da sociedade, apesar de serem imprescindíveis, isso porque os médicos, para a sociedade, a sua “ocupação possui mais legitimidade e *status* social”, conforme a conclusão de Monteiro *et. al.* (2017, p. 90). Continuando, esses trabalhadores disseram ainda:

Precisa se não te... se não te... nos para fazer sepultamento... A família que tinha que enterrar, né. Ia no cemitério a família pra abrir o buraco pra (...) fazer o enterro... e... abrir uma gaveta dessa aí exumar tirar os ossinhos da pessoa, né? (ENTREVISTADO D, 2018).

Ficaria difícil, né! Como é que a gente ia sepultar um ente querido se não tem uma pessoa pra fazer isso, né! Eu acho que seria mais doloroso para família tem que fazer isso, né! Se não tivesse, aí tinha que fazer, né! (ENTREVISTADO B, 2018).

Diante dos relatos dos trabalhadores coveiros, Zelenovic (2008, p. 25), faz um diagnóstico do estado emocional e social destes profissionais, e afirma que eles “estão a lidar com os familiares do defunto no seu pior estado de fragilidade”. E para lidar com essa situação, essa autora complementa falando da importância de saber ouvir o outro, relevar determinados comportamentos, visto que,

Uma pessoa em sofrimento tende a dar o pior de si, a agredir ou mesmo a tornar-se apática a tudo. Existem relatos de coveiros que atenderam enlutados muito nervosos, pessoas agressivas e que provavelmente estavam sob forte impacto da dor da perda. (ZELENOVIC, 2008, p. 25).

Essa postura que muitas pessoas tem para com o coveiro pode ser fruto da forma subserviente como ele se coloca diante da dor e sofrimento do outro, visto que

“tais profissionais apresentam uma postura servil em relação às pessoas e, por conseguinte, eles são maltratados e humilhados, simplesmente por exercerem uma profissão que é estigmatizada e desprestigiada socialmente”, Monteiro *et. al.* (2017, p. 93). Poucas são as pessoas que reconhecem a solidariedade do coveiro na permanência e regularidade do seu trabalho, afinal como afirma Bauman (2005, p. 20), “Ser “redundante” significa ser extranumerário, desnecessário, sem uso [...]. Os outros não necessitam de você. Podem passar muito bem, e até melhor, sem você”.

Por outro lado, os coveiros/sepultadores fizeram revelações interessantes, pois, apesar de compreender a imprescindibilidade da função de coveiro, eles disseram que

[...] nem todo mundo quer trabalhar nessa área que a gente trabalha, entendeu! Pra eles... é uma área diferente bastante gente que diz que não trabalha nem pra R\$ 10.000,00 não trabalhava essa área. (...) nem muita gente quer trabalhar na nossa... nesse tipo de trabalho, e se não existi essas pessoas como vai ter sepultamento, ne fazer algumas exumações, nem todo mundo quer fazer... (ENTREVISTADO A, 2018).

Também não é qualquer um que se disponibiliza para fazer esse tipo de serviço. (ENTREVISTADO E, 2018).

A declaração desses trabalhadores impulsiona essa discussão no sentido de ampliar a visão da sociedade sobre o trabalho profissional dos coveiros, junto à população usuária ou não dos serviços prestados para além dos muros do cemitério. Por exemplo: “A exumação dos restos mortais, que pode ser entendida como penosa, é uma das principais actividades laborais dos coveiros e é vista em muitas culturas com horror e repugnância”, (ZELENOVIC, 2008, p. 27). É diante de afirmações como essas do coveiro e da pesquisadora que tais funções necessitam que essa visibilidade se materialize de fato, sendo necessário um cuidadoso conhecimento das funções do trabalhador coveiro, seu modo de se relacionar com as pessoas, especialmente nesse momento de dor e perda de um ente querido.

Continuando a falar sobre a real importância de ter esse trabalhador coveiro inserido no mundo do trabalho e, paralelamente, mostrar que ele é um trabalhador invisível, deve-se ao seu cotidiano, pois esse cotidiano apresenta um campo de expressões concretas de contradições, como explica o Entrevistado F, quando declarou:

É um serviço que é menosprezado, é um serviço que é rejeitado, mas é ao mesmo tempo um serviço necessário infelizmente. Infelizmente... infelizmente é necessário!

É necessário! Com certeza! Com certeza! ... é necessário um serviço, claro que é, sempre tem que ter algum para fazer esse serviço. Como que fica, né! Tem que ter alguém! Para fazer esse serviço, ou seja, não é todo mundo que faz esse serviço quando fala assim, é ah vamos sepultar... ah vamos fazer uma exumação... a mais o que... que é exumação? O que é isso exumação? A exumação é... sepulto ali... você vai ter que abrir ... não é todo mundo que tem ... você vai ter que abrir aquele... né! Vai abrir arrancar os restos mortais, né! Tá ali! E lacrar e não é todo mundo que faz esse serviço! Por isso, que nem todo mundo faz esse serviço, por isso que é um serviço necessário. E tem que ter uma pessoa que tenha essa coragem de fazer que não é qualquer um que faz. (ENTREVISTADO F, 2018).

Esse sentimento até de heroísmo, como declarado pelos Entrevistados A, E e F, segundo Rabelo (2014), é mais uma das ferramentas utilizadas pelos coveiros para se defender frente ao trabalho que ele realiza e que é invisível, desgastante, carregado de preconceito, julgamentos etc. por parte da sociedade que utiliza desses mesmos serviços.

A rotina diária das funções do coveiro traz na sua memória social e trabalhista uma situação que foi verbalizada pelo entrevistado E, quando disse que uma dificuldade que ele identifica no seu trabalho é com relação ao descanso e lazer com sua família, visto que,

Dificuldade mais é porque a gente aqui num... tem férias, a gente num tem um tempo hábil. Ah! Vou passar uma temporada com a minha família sair... passear, porque a gente é que nem falei para você trabalho 2 dias e folgo 1. Esse um dia você não pode nem sair para viajar, um dia só. No outro dia você tem que tá aqui. Entendeu! Então isso ai acaba atrapalhando, nunca reclamo porque também nunca num... (ENTREVISTADO E, 2018).

Essa declaração do Entrevistado E apresenta três dimensões que serão destacadas e refletidas, a saber: a família, o lazer/descanso e férias trabalhistas.

A família é um núcleo de socialização, de acolhida, proteção, de referência etc., como afirma Miotto (2003),

[...] família, independente das formas ou modelos que assume, ainda é o espaço privilegiado na História da Humanidade onde aprendemos a ser e a conviver. É mediadora das relações entre os sujeitos e a coletividade, mediando continuamente os deslocamentos dos limites

entre o público e o privado, e geradora de formas comunitárias de vida. (MIOTO, 2003, p. 2).

Todavia, no contexto atual e, especificamente, do mundo do trabalho, essa categoria está sendo negligenciada, pois a dinâmica do trabalho cotidiano e/ou as formas como ele se expressa, reflete negativamente nas diversas esferas sociais da vida pessoal, familiar e social do trabalhador. Além disso ocorre a não valorização do lazer como possibilidade de fortalecimento dos vínculos familiares, a não materialização do descanso para fortalecer os aspectos físico, emocional e relacional do cozeiro com sua família e comunidade.

Esses prejuízos sociofamiliares, como expressado pelo Entrevistado E, podem trazer consequências bastante indesejadas nas relações familiares, sociais e comunitárias, permitindo a ele compreender esse processo familiar reduzido às relações de afeto e cuidado no interior de sua casa/família.

A partir dessas evidências pontuadas na fala do entrevistado, compreende-se que esse distanciamento do trabalhador de sua unidade familiar é uma forma perversa usado pelo capitalismo para o apagamento da unidade familiar e que muitas vezes não é percebido pelo próprio trabalhador, pois, como afirmam Costa; Rodrigues (2017, p. 1538), “Apesar das dificuldades descritas, para esses homens, o trabalho é fonte de sustento e sobrevivência, sua atividade cotidiana e relação social”.

Esse contexto social, econômico e político têm favorecido a terceirização, haja visto que essa perversidade vivenciado pelo trabalhador se reflete também na falta de clareza que muitas empresas e/ou cooperativas adotam como postura, por exemplo, para falar sobre os direitos trabalhistas. Nessa questão o Entrevistado E disse:

Olha, segundo eles a gente não tem esse direito, entendeu. Dá... as férias. Entendeu? Quando eu tava trabalhando na prefeitura sim eu tinha direito. Mas acabei nunca tirando talvez por escolha, também nunca tirei não.

Quando era na prefeitura sim, sempre era remunerado as férias, da cooperativa até porque esse é o primeiro ano, né! Da cooperativa ainda não seu tempo entendeu?! Isso aí a gente tá meio por fora o que vai acontecer. Mas, pelos regulamentos lá, creio eu que não tem direito não (...).

Olha eu comecei a ter as férias eh... antes de entrar na cooperativa eh... uns três anos antes disso a gente começou a ter férias isso porque a gente era contratado pela prefeitura, de contratado agente passou a ser cargo nomeado... era cargo com nomeação aí passou a ter 13º salário, passou a ter as férias, passou a ter plano de saúde, hoje a gente não tem mais esse plano de saúde porque saiu da

prefeitura foi para cooperativa, aí o plano de saúde a gente perdeu também... (ENTREVISTADO E, 2018).

Ainda estimulando a reflexão da categoria férias, a precarização do trabalho por meio dos vínculos contratuais e desmonte dos direitos trabalhistas, segundo Cativo; Weil (2015), é outro problema que os coveiros enfrentam, que é

a ausência de informação quanto a sua situação trabalhista. Estes coveiros desconhecem quais são seus vínculos empregatícios com a prefeitura, e quando perguntados sobre o contrato, os mesmos afirmam que a carteira de trabalho nunca foi assinada, porém, tem um contrato de trabalho. (CATIVO; WEIL, 2015, p.11).

Apesar do ataque às leis trabalhistas que esses trabalhadores vivenciam, as inflexões no desmonte dos direitos trabalhistas e impactos para o trabalhador e sua família, a precarização e o estímulo a terceirização tem se mostrado uma das grandes e impactantes dificuldades para o trabalhador, inclusive o trabalhador invisível, como o coveiro, se manter e/ou se inserir no mundo do trabalho.

3.4 A MORTE NO CONTEXTO DE TRABALHO DO COVEIRO

De acordo com Netto; Carvalho (1994, p. 23), “A vida cotidiana é aquela vida dos mesmos gestos, ritos e ritmos de todos os dias”. Portanto, o cotidiano, segundo esses professores, é a vida de todos os dias e de todas as pessoas em qualquer época histórica e em qualquer atividade profissional, pessoal e social. Nesse contexto, encontram-se os coveiros que vivenciam cotidianamente, no exercício de sua profissão, situações de enfrentamento da morte, por eles e pelas pessoas que perderam um ente querido.

Diante das múltiplas faces da cotidianidade vivenciada pelos coveiros e a maneira como eles lidam com a morte, sendo que sua atividade está diretamente ligada a ela, o Entrevistado C (2018) disse assim: “Rapaz, é meio esquisito, viu... (risos). Não, não é tranquilo, não é pra ninguém. Mas, é mais fácil pra gente controlar... os sentimentos da gente”.

O Entrevistado C, nessa amostra da pesquisa, é o coveiro que tem mais tempo de trabalho como sepultador, são 17 (dezessete) anos de experiência profissional, e em seu relato fica claro sua percepção de pesar ao executar suas funções ante a

família enlutada. Todavia, a experiência lhe ajuda adquirir mecanismos de defesa para controlar suas emoções, como ele relatou.

Esse momento de reflexão que o Entrevistado C menciona empiricamente, de se deparar com a finitude humana, de perturbação emocional, é explicado por Rabelo (2014), quando essa professora, analisando os resultados de sua pesquisa, diz:

Estar diante da morte é estar exposto a uma miríade de emoções e reflexões provocadas pelo tempo finito e incerto da existência humana: o sofrimento e a dor para os familiares que ficam, com quem os coveiros se sintonizam e sofrem junto; a tensão de ter a roupa puxada pela criança que não quer ver sua mãe sendo enterrada; o sonho não realizado e a esperança rompida quando uma criança morre. Quando uma “criancinha morre com toda saúde” aparece ainda questões da ordem do “quando” e “como” se morre, o que faz Seu Zé se perguntar: *como é que eu escapei, hein...* Lembrar-se de seus pais já falecidos quando Seu Zé vê *um velho morto*, leva-o a estar diante do morto com outra qualidade: com sentimento, com carinho. Seu Zé também está exposto aos sentimentos e reflexões despertados pela morte, pois é humano como todos os outros, também tem sentimentos. (RABELO, 2014, p. 80-81).

Complementando a fala do Entrevistado C, e corroborando com a explicação de Rabelo (2014), o Entrevistado B (2018) diz que a rotina do seu trabalho diante da morte “é normal ao mesmo tempo é muito dolorido, né! Como a gente perde um ente querido da família... Mais a gente vê o sofrimento das pessoas... E a gente fica comovido também com isso, né? Mas, agora está meio que normal. Porque... na situação que já se adaptou, né?”

Mais uma vez, a situação de morte no cotidiano de trabalho dos coveiros, mesmo eles estando dia após dia executando tal função, vivenciar a dor e a separação das pessoas que se despedem do seu ente querido, para o Entrevistado A (2018), especialmente, ao sepultar uma criança não é uma ocasião fácil, ou que passa despercebida, mecanicamente. Ele, que nessa amostra é o coveiro com menor tempo de trabalho no cemitério – 02 (dois) anos, disse: “Pra mim já ficou normal, única coisa que sinto um pouco de remorso... morre uma criança só. Pra adulto pra frente eu já... Normal! Quando é uma criancinha... criancinha. É triste a gente sepultar uma criança não é fácil não... mais gente adulto, idoso. Pra mim... já ficou normal”.

Existe uma tendência notória e evidente por parte da sociedade em aceitar a morte de pessoas mais idosas e de renunciarem à morte de crianças e jovens, e

essa tendência se repete até em relação aos sentimentos dos coveiros ao executar um sepultamento.

Destarte essa suposta naturalização velada que os Entrevistados A e B (2018) declaram fazer, segundo Zelenovic (2008), deve-se à compreensão de senso comum, que os próprios coveiros internalizam para suportar a vivência com a dor causada pela morte, matéria prima do seu trabalho como coveiro, isto é,

Há uma ideia generalizada de que os primeiros funerais realizados foram mais penosos, tendo-se depois instaurado um período de adaptação e recalçamento das emoções. No entanto, alguns inquiridos relataram que ainda ficam pesarosos quando realizam funerais de jovens e crianças. (ZELENOVIC, 2008, p.65).

Talvez essa ambiguidade de sentimentos que os coveiros vivenciam diante da morte na sua rotina de trabalho é porque para as pessoas de forma geral, a morte “desperta sentimentos diversos: medo, curiosidade, silêncio, dor, alívio. Pode-se dizer que cada época define maior ou menor proximidade a uma dessas formas de responder à finitude da existência humana”, (RABELO, 2014, p. 33).

Nos relatos dos entrevistados foi unânime o fato dos coveiros se habituarem ao processo de sepultamento, e com o passar do tempo, se acostumar com a rotina do seu trabalho. Corroborando com essa descrição de normalidade e rotina de trabalho, o Entrevistado E (2018) disse: “Olha no começo foi meio complicado, hoje a gente já acostumou, já... aquilo ai já se tornou uma rotina pra mim... entendeu!”

E assim, escreveu Zelenovic (2008, p. 67), “Fica a ideia que a prática suavizou os sentimentos mais dolorosos e insuportáveis”. Entretanto, conforme as declarações desses atores sociais – coveiros inseridos no mundo do trabalho –, vivenciar a morte no seu contexto de trabalho a priori é compreendida como normal, mesmo que nessa rotina seus sentimentos de tristeza são explicitados em situações de isolamento ante a dor e as despedidas das pessoas do seu ente querido.

Ou ainda, quando o coveiro usa a religião como âncora para explicar como ele lida com a morte ou, como é essa despedida causada pela morte, minimizar a dor e fazer o enfrentamento cotidiano desse contexto de trabalho onde vivenciam a morte diariamente. Neste sentido, o Entrevistado F declarou que:

Na verdade, eu sendo evangélico e crendo que há uma vida após a morte é como nos cremos na bíblia. Eu penso que a morte é uma

realidade... até por que o homem foi feito segundo a bíblia para viver uma vida eterna, mas devido o pecado (...). Sabendo que há uma esperança para aquele que morrem em cristo. Isso que eu não me preocupo muito eh... é claro que como ser humano e frágil e pensamento fracos que temos e muitas vezes ficamos até com medo, mais não, não fico com medo tanto assim não! Mais a morte é uma realidade (...). Que esse dia vai chegar querendo ou não... (ENTREVISTADO F, 2018).

Essa crença na imortalidade da alma e o fortalecimento emocional, de acordo com Zelenovic (2008, p. 74), “poderá explicar a quase inexistente exaltação de dor, tão comum nos funerais de crentes católicos”. Ou seja, esse argumento apoiado na religião para explicar o enfrentamento da morte no seu cotidiano de trabalho, como declarado pelo Entrevistado F (2018), não solidifica o coveiro em relação aos sentimentos dos familiares e amigos da pessoa morta no momento do sepultamento do seu ente querido, mas lhe dá o suporte necessário para enfrentar a situação presente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo compreender a percepção da sociedade sobre os coveiros enquanto trabalhadores inseridos no mundo do trabalho e como eles veem seu trabalho, a partir dos relatos desses profissionais. E foi partindo desse objetivo que, ao pesquisar a pouca literatura disponível, me “apaixonei” pelo trabalho anteriormente proposto a partir de uma inquietação pessoal e profissional.

As aulas presenciais foram um misto de descobertas e rememoração de estudos que me instigam olhar os trabalhadores para além do exercício do seu trabalho profissional, tentar compreender as diferentes dimensões da sua vida pessoal, familiar, profissional e social. Atrelado às aulas, as leituras recomendadas, as experiências compartilhadas pelos (as) professores (as) e colegas de sala de aula, serviram de alicerce para a construção desse trabalho acadêmico referente a temática escolhida, que desde o início me abriu um leque de conhecimentos.

Dentre os trabalhadores invisíveis à sociedade, inseridos e necessários no mundo do trabalho, encontrei a certeza que os coveiros/sepultadores são pessoas comuns como nós e, apesar de muitas pessoas não os enxergar, ainda assim eles se solidarizam com a dor do outro, sentem tristeza pela família enlutada e colaboram para minimizar o sofrimento da família e dos amigos do defunto.

Durante a pesquisa de campo, foi possível observar a relação de amizade entre esses profissionais; o companheirismo demonstrado para execução das tarefas cotidianas; a socialização do grupo dentro dos muros do cemitério, seu local de trabalho; enfim, compreender a dinâmica da invisibilidade desses profissionais foi aprender um pouco mais sobre a morte, tema que não é tão adverso (pessoalmente) no meu cotidiano social e profissional, e não somente como profissionais inseridos no mundo do trabalho.

As pesquisas encontradas e estudadas, atrelada à leitura das entrevistas, me possibilitou lembrar as expressões corporais e faciais com o intuito de aprofundar nos significados presentes nas falas dos coveiros entrevistados, tais como a escolha pela profissão, motivada pela falta de oportunidade e qualificação acadêmica, além da necessidade de subsistência; o sentimento de marginalidade de como são vistos pela sociedade, em relação ao “trabalho sujo” realizado por eles; a invisibilidade, o preconceito, a discriminação sofrida pelos coveiros por grande parte da sociedade, mesmo sendo imprescindíveis no mundo do trabalho; a dificuldade de lidar com a

morte no início da profissão e no cotidiano, a naturalização da vivência com a morte e, ao mesmo tempo, a ambivalência, pois apesar de ter se tornado uma rotina natural o ofício de coveiro, eles ainda se solidarizam com a dor da perda do outro.

É com satisfação que esse estudo irá ajudar a ampliar a visão da sociedade em relação aos coveiros, mesmo sendo considerados para muitas pessoas como “lixo humano”, são imprescindíveis no mundo do trabalho e invisíveis à sociedade ao sepultar para sempre aqueles que amamos, ao mesmo tempo eles são suporte, e presenciam as atitudes e reações dos familiares e amigos diante dessa última e definitiva separação física.

Todavia, para realizar seu trabalho, quando o sepultamento é de um corpo de criança, os profissionais coveiros entrevistados declaram em palavras e gestos físicos que esses são mais dolorosos e eles se sensibilizam, talvez pela interrupção da vida ainda muito jovem, talvez pela lembrança de seus próprios filhos, talvez por uma lembrança distante, mas presente. Enfim, para essa questão – sepultamento de crianças –, outra pesquisa irá apresentar resultados precisos.

Portanto, o cemitério além de guardar a memória daqueles que partiram, é um espaço de reflexão em relação a vida e a morte.

REFERENCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 6.ed. São Paulo: Cortez Campinas, SP Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

BAUMAN, Z. **Vidas Desperdiçadas**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama, Claudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CARVALHO, M. C. B.; NETTO, J. P. **Cotidiano**: conhecimento e crítica. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações. **Portaria n. 397, de 09 de outubro de 2002**. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbosite/pages/legislacao.jsf> Acesso em: 19 maio 2018.

CALVINO, I. As **Cidades Invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Biblioteca da Folha. S/D. (p. 48-52). (Livro disponibilizado em PDF).

CATIVO, C.; *et. al.* **Cemitério, vida e trabalho**: reflexão sobre as condições de trabalho dos coveiros na cidade de Parintins/AM. Contribuciones a las Ciencias Sociales, Outubro 2014. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/30/coveiros.html> Acesso em: 24 ago. 2017.

_____; WEIL. **Trabalho e morte**: estudo sobre as condições de vida e os impactos sobre a saúde dos coveiros do município de Parintins. 2015. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo2/trabalho-e-morte-estudo-sobre-as-condicoes-de-vida-e-os-impactos-sobre-a-saude-dos-coveiros-do-municipio-de-parintins.pdf> Acesso em: 30 mar. 2018.

CAPAVERDE, C. B.; *et. al.* **Subjetividade e enfrentamento da morte**: construindo gestão de pessoas na cotidianidade. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/read/v23nspe/1413-2311-read-23-spe-188.pdf> Acesso em: 09 dez. 2017.

COSTA, S. R. R.; RODRIGUES, C. R. Estudo Qualitativo das condições de vida de trabalhadores de cemitério de Botucatu, cidade de médio porte do Estado de São Paulo, Brasil. **Atas CIAIQ 2017**. Investigação Qualitativa em Saúde/Investigación Cualitativa en Salud/Volume 2. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/viewFile/1505/1462> Acesso em: 20 maio 2018.

CURY, A. **O vendedor de sonhos**. 29. reimp. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2008.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HAESBAERT, R. Desterritorialização e aglomerados de exclusão. In: **O Mito da Desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. (p. 311-336).

IAMAMOTO, M. V. **O serviço social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil. Mato Grosso. Rondonópolis. **População**. (2017). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/rondonopolis/panorama> Acesso em: 16 maio de 2018.

IRAHA, I. S.; *et. al.* **Sentidos do trabalho dos coveiros**: um estudo exploratório. Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 2, n. 4, jul./dez. 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/Edna/Downloads/15260-53415-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Edna/Downloads/15260-53415-1-SM%20(1).pdf) Acesso em: 24 ago. 2017.

JACQUES, M. H. G. **Os coveiros enquanto recursos humanos**. Tese de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Línguas e Administração de Gaia – ISLA. ISLA, Vila Nova de Gaia, 2012. Disponível em: http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/4049/TeseMestrado_Isla_GRH_MariaHelenaGomesJacques.pdf?sequence=1 Acesso em: 12 fev. 2018.

LIMA, Â. M. S. Os impactos da globalização no mundo do trabalho. In. **Terra e Cultura**, ano XX, n. 39, Londrina-Paraná, julho-dezembro, 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARX, K. Consequências Imediatas da produção mecanizada sobre o trabalho. In: **O Capital**: crítica da economia política. Vol. I. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. 33.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. (p. 451-476).

MIOTO, R. C. T. **A centralidade da família na Política de Assistência Social**: contribuições para o debate. 2003. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/viewFile/3756/1820> Acesso em: 25 maio 2018.

MONTEIRO, D. F. B.; *et. al.* **O Trabalho Sujo com a Morte**: o Estigma e a Identidade no Ofício de Coveiro. Disponível em: file:///C:/Users/Edna/Downloads/Monteiro_Pereira_Oliveira_Lima_Carrieri_2017_O--Trabalho-Sujo-com-a-Morte--_46655.pdf Acesso em: 08 dez. 2017.

RABELO, E. A. **Morte e mundo-da-vida**: análise fenomenológica de experiências de coveiros no cemitério do Bonfim. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do

título de Mestre em Psicologia. 2014. Disponível em:
<file:///C:/Users/Edna/Downloads/Elizabeth-Avelino-Rabelo-disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 06 jun. 2018.

SANTOS, S. A. L. **Capital, Trabalho e Estado no século XX**: notas a partir da mudança nos paradigmas tecno-produtivos. Este tempo é parcialmente inspirado no Fascículo “Sociologia” (ISBN – 978-85-6189-09-5) de autoria de SANTOS, confeccionado para o Curso de Graduação em Administração – Modalidade a Distância da Universidade Federal do Mato Grosso em convênio com a Universidade Aberta do Brasil.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. 7. Reimpressão. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, F. H. G. **Entrevista I**. [abr. 2018]. Entrevistadora: Edna Rodrigues de Oliveira Soares. Rondonópolis, 2018. (15 min.).

SILVA J. N. F. *et. al.* Cemitérios de Rondonópolis: um levantamento comparativo dos Impactos Socioambientais Negativos. In: **IV Congresso de Administração do Sul do Mato Grosso**, Rondonópolis, 2016. Anais eletrônicos...Rondonópolis: UFMT, 2016. Disponível em: <http://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/CONASUM/IV-Conasum/paper/viewFile/744/300> Acesso em: 20 maio 2018.

XIMMENES, S. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2000.

ZACARIOTTI, R. C. **Entrevista II**. [abr. 2018]. Entrevistadora: Edna Rodrigues de Oliveira Soares. Rondonópolis, 2018. (10 min.).

ZELENOVIC, C. C. C. M. **Representações e emoções de coveiros Portugueses face à morte**. Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Porto, 2008. Disponível em <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1074/2/claudiazelenovic.pdf> Acesso em: 03 jun. 2018.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS – CUR
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
 DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
 CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU “SOCIEDADE, POLÍTICA E
 CIDADANIA – OLHARES TRANSDISCIPLINARES”,

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____
 consinto em participar do estudo **UM OLHAR VOLTADO PARA OS COVEIROS – TRABALHADORES INVISÍVEIS**. Que tem por objetivo:

- Compreender a percepção da sociedade sobre os coveiros enquanto trabalhadores inseridos no mundo do trabalho, a partir dos relatos desses profissionais.
- Refletir a partir do trabalho de entrevista com os coveiros quais os sentidos eles atribuem a sua profissão de coveiros;
- Analisar a escolha do trabalho de coveiro;
- Ampliar a visão para enxergar quem são esses trabalhadores/coveiros, imprescindíveis no mundo do trabalho.

Fui informado que será utilizado para a coleta de dados uma entrevista semi-estruturada, e que este estudo tem caráter acadêmico e será coordenado pela Profa. Dra. Beatriz dos Santos Feitosa. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Rondonópolis – CUR.

Declaro, ainda, ter compreendido que não sofrerei nenhum tipo de prejuízo de ordem psicológica ou física e que minha privacidade será preservada. Concordo que os dados sejam publicados para fins acadêmicos ou científicos, desde que seja mantido o sigilo sobre a minha participação. Estou também ciente de que poderei, a qualquer momento, comunicar minha desistência em participar do estudo.

Rondonópolis-MT, ____/_____/_____.

 Assinatura do participante da pesquisa ou responsável.
 Documento de Identificação: _____

 Assinatura da coordenadora da pesquisa.

APÊNDICE B - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

1) Perfil

Nome..... Idade.....anos.

Sexo: () M () F () Outro Cor:.....

Naturalidade..... Mora em Rondonópolis há..... anos.

Estado civil () casado () solteiro () separado () viúvo () outro

Tem filhos () sim () não. Quantos....

Escolaridade – Ensino Fundamental () completo () incompleto () estudando

Ensino Médio () completo () incompleto () estudando

Ensino Superior () completo () incompleto () estudando

Religião.....

Faz uso de bebida alcoólica () sim () não. Se a resposta for sim, quantas vezes por semana.....

Fumante () sim () não.

2) Caracterização da profissão de coveiro:

Trabalha como coveiro a quanto tempo? anos/meses/dias.

Antes de ser coveiro, trabalhava em.....

Renda (em salários mínimos)

Vínculo trabalhista: () concursado () terceirizado/CLT () contrato () outro.

Qual.....

Carga Horária/dia/semana/mês.....

Hora extra: () sim () não. Se a resposta for sim, qual a quantidade de horas extras são autorizadas por mês?.....

Banco de Horas () sim () não. Se a resposta for sim, quando e como você usufruir do descanso em função das horas trabalhadas a mais.....

Empresa disponibiliza equipamentos de proteção individuais (EPI's) () sim () não.

Você usa () sim () Não. Se a resposta for não, porque não usa.....

Há alguma exigência para trabalhar como coveiro () sim () não. Se a resposta for sim, quais são as exigências.....

Recebeu formação específica para ser coveiro, treinamento.....

3) A profissão de coveiro, inserida no mundo do trabalho

a) Como você escolheu essa profissão de coveiro?.....

b) Quais são os sentidos para o trabalho (de coveiro) que você realiza? Ou, como você se sente perante a sua família/amigos/conhecidos em relação a sua profissão? Enfim, como você vê seu trabalho aqui no cemitério?.....

c) Quais são suas perspectivas em relação a sua vida profissional?.....

d) Como você acredita que a sociedade enxerga seu trabalho de coveiro ou não? Explica.....

e) Você acredita que há reconhecimento da sociedade pelo seu trabalho de coveiro? () sim () Não. Como.....

f) Falando sobre preconceito, você acredita que as pessoas te discrimina pela escolha da sua profissão? () sim () Não. Como.....

g) E você, se discrimina, se envergonha pela profissão que escolheu? () sim () Não.
Se a resposta for SIM, explica.....
Se a resposta for NÃO, explica.....

h) Você acredita que seu trabalho como coveiro é imprescindível no mundo do trabalho? () sim () Não. Porque.....

i) Como é pra você lidar com a morte todo dia

j) Quais as dificuldades que seu trabalho lhe traz na sua vida profissional, pessoal como esposo, pai etc.....

APÊNDICE C – CARACTERIZAR OS CEMITÉRIOS: ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS ADMINISTRADORES

- 1) A administração dos quatro cemitérios é pública municipal ou o município terceirizou? (ou se preferir, fale somente pelos que você administra).
- 2) Seu (Administrador) vínculo é concursado, nomeado ou terceirizado?
- 3) A empresa que administra venceu uma licitação pública ou não houve licitação? Se houve, quando foi a última licitação? Se não houve, como foi a contratação da empresa?
- 4) Os quatro cemitérios (ou só os que você administra) juntos tem uma média quantos sepultamentos por mês.
- 5) O cemitério foi inaugurado em (ano) e qual é a configuração?
- 6) O cemitério..... tem área de (000.000 m²) e com média de (quantos) sepultamentos mês.
- 7) Ele fica localizado em qual região da cidade e possui atualmente (quantos) coveiros.
- 8) Os coveiros são divididos em (quantos) grupos que trabalham em escala 12 por 36 horas; ou tantos dias trabalhados e tantos folga; ou é de segunda a sábado corrido? Como que é... é horário comercial? Quantas horas eles trabalham por dia/semana/mês?
- 9) Qual é o vínculo trabalhista dos coveiros: concurso, CLT, contrato temporário? Ou outro.
- 10) Você atua somente como administrador ou também exerce a função de coveiro? Se sim, quando? E porquê?

Entrevistadora: Como é o nome da empresa?

Respondente: VMV!

Entrevistadora: O que significa VMV, você sabe?

Respondente: Eu não sei!

Entrevistadora: Como que é o vínculo na sua carteira de trabalho?

Respondente: Está escrito na minha carteira, na minha profissão? Está como pedreiro.

Entrevistadora: Tá! E você trabalha quantas horas por dia ou por semana?

Respondente: Geralmente, eu tenho uma folga em 5 em 5 dias. Trabalho 5 e folgo no 6º dia. Horas normal. 8 horas por dia...

Entrevistadora: Você faz horas extras?

Respondente: As vezes sim!

Entrevistadora: E quando você faz horas extras, quanto mais ou menos você pode a fazer por mês, que eles autorizam e que você faz?

Respondente: É pouco! Acho que é umas, quando chega a fazer é 2 horas, 3 horas extras num mês.

Entrevistadora: Você recebe por elas ou você faz por Banco de Horas?

Respondente: Recebe por elas... Ela é paga!

Entrevistadora: A empresa disponibiliza equipamentos de proteção individuais (EPI's)?

Respondente: Sim.

Entrevistadora: E você usa?

Respondente: Sim. Toda vez! Hahahahahaha!

Entrevistadora: Qual foi a exigência que a empresa fez, quando te contratou como coveiro?

Respondente: Ah! Quando eu entrei! Nada, não exigiram nada!

Entrevistadora: Você recebeu formação específica para ser coveiro, treinamento?

Respondente: Não.

3) A profissão de coveiro, inserida no mundo do trabalho

Entrevistadora: Como que você escolheu a profissão de coveiro?

Respondente: Geralmente, eu nem escolhi, né! Tava precisando de trabalho e arrumei no cemitério e comecei com ajudante gerais. Ai com um tempo passai que me promoveram.

Entrevistadora: Ah! Tá! Então, você entrou como ajudante geral e ai foi promovido depois de quanto tempo?

Respondente: 1 ano e 7 meses.

Entrevistadora: Quais são os sentidos para o trabalho (de coveiro) que você realiza? Ou, como você se sente perante a sua família/amigos/conhecidos em relação a sua profissão? Enfim, como você vê seu trabalho aqui no cemitério?

Respondente: Normal! Pra mim é normal! Como se fosse qualquer outro trabalho, quando eu saio daqui eu... eu as vezes eu nem lembro que trabalho aqui! Risos...

Entrevistadora: Quais são suas perspectivas em relação a sua vida profissional?

Respondente: No momento eu penso em trabalhar mais uns tempos aqui. Mais uns 3 ou 4 anos. Ai quem sabe procurar outra profissão também, né! Quanto mais profissão na sua vida melhor.

Entrevistadora: Você pensa em volta estudar?

Respondente: Não! Vou voltar não.

Entrevistadora: Para você mudar de profissão, se você volta a estudar, o estudo vai ajudar mais.

Respondente: Verdade!

Entrevistadora: Como que você acredita que a sociedade enxerga o seu trabalho como coveiro? Ou será que ela não enxerga?

Respondente: Ah!!! Algumas pessoas até que fala com você, entendeu! Mas, algumas faz de conta que não tá nem. Nem dá um bom dia! Boa tarde! Ai eu não sei explicar direito o que o povo pensa tipo assim da nossa profissão.

Entrevistadora: Você acredita que a sociedade, ela reconhece o seu trabalho?

Respondente: Algumas pessoas sim! Outras não! Algumas pessoas acho que num... vê o nosso como um trabalho, entendeu!

Entrevistadora: Elas veem vocês como?

Respondente: Ah!!! Eu não tenho nem como explicar.

Entrevistadora: Você acredita que as pessoas te discriminam pela escolha da sua profissão?

Respondente: Acredito!

Entrevistadora: Como que você percebe esse preconceito?

Respondente: Tipo oh!!! Acho que eles sentem tipo nojo, entendeu! Pelo que você faz. Acho que é pelo serviço que você faz!

Entrevistadora: E você, você se discrimina? Você se envergonha da profissão que você escolheu?

Respondente: Não!

Entrevistadora: Então, me explica um pouquinho? Por que você não se envergonha dessa profissão?

Respondente: Por que, eu acho que ele é um serviço... quase normal que nem os outros.

Entrevistadora: Por que, quase?

Respondente: Por que, quase nem todo mundo quer trabalhar nessa área que a gente trabalha, entendeu! Pra eles... é uma área diferente bastante gente que diz que não trabalha nem pra R\$ 10.000,00 não trabalhava essa área.

Entrevistadora: Você acredita que seu trabalho como coveiro ele é imprescindível no mundo do trabalho?

Respondente: Eu acho que sim! Precisa sim! Por que, é que nem eu falei nem muita gente quer trabalhar na nossa... nesse tipo de trabalho, esse não existi essas pessoas como vai ter sepultamento, ne fazer algumas exumações, nem todo mundo quer fazer...

Entrevistadora: Como que é agora pra você também lidar com a morte todos os dias?

Respondente: Pra mim já ficou normal, única coisa que sinto um pouco de remorso... morre uma criança só. Pra adulto pra frente eu já... Normal! Quando é uma criancinha... criancinha. É triste a gente sepultar uma criança não é fácil não... mais gente adulto, idoso. Pra mim... já ficou normal.

Entrevistadora: Quais as dificuldades que seu trabalho lhe traz na sua vida pessoal, profissional, como esposo, pai etc.?

Respondente: Até agora não! Nuca me atrapalhou não, eu não seu daqui para frente.

Entrevistadora: Obrigada.

Respondente: 8 horas por dia. Trabalho 5 dias e folgo 01 dia.

Entrevistadora: Você faz horas extras?

Respondente: Não!

Entrevistadora: Você faz por Banco de Horas?

Respondente: Não.

Entrevistadora: A empresa disponibiliza equipamentos de proteção individuais (EPI's)?

Respondente: Sim.

Entrevistadora: Qual foi a exigência que a empresa fez, quando te contratou como coveiro?

Respondente: Nenhuma.

Entrevistadora: Você recebeu formação específica para ser coveiro, treinamento?

Respondente: Não.

3) A profissão de coveiro, inserida no mundo do trabalho

Entrevistadora: Como que você escolheu a profissão de coveiro?

Respondente: Por que, o momento era tinha na verdade, ne.

Entrevistadora: Quais são os sentidos que você dá para sua profissão de coveiro? Ou como que você se sente, por exemplo, perante sua família, seus amigos, seus vizinhos, em relação a sua profissão? Enfim, como você vê seu trabalho aqui no cemitério?

Respondente: Eh! Tem pessoas que olham diferente na verdade. Mas, para outras pessoas já é normal, também. Mas, sempre tem um pé atrás, né.

Entrevistadora: Aha! Tá! E você mesmo, como você vê?

Respondente: Uhu! Normal! Tranquilo.

Entrevistadora: Você tem perspectiva de mudar de profissão?

Respondente: Sim.

Entrevistadora: Como que você acredita que a sociedade enxerga o seu trabalho como coveiro ou não enxerga?

Respondente: Assim! Tem pessoas tem opiniões diferentes na verdade, tem uns que acha normal, tem outros que não! Outros até tipo de preconceito. Ai, faça eh... como se diz: metade acha que é normal a outra metade não!

Entrevistadora: Aha! Tá! E esse preconceito que você falou, como que você consegue identificar esse preconceito?

Respondente: Assim, da forma de trabalho, né! E como o Negão já falou, também, não sei se ele já falou aqui que as vezes ele pegava transporte! Ônibus! Né! Quando via que ele trabalhava as vezes encostava nele ficavam limpando a mão assim! Não como ele falou, né!

Entrevistadora: Você também já percebeu isso?

Respondente: Não! No momento, não, né!

Entrevistadora: Você acredita que a sociedade, ela reconhece o seu trabalho?

Respondente: Não... alguns...

Entrevistadora: Você acredita que as pessoas te discriminam pela escolha da sua profissão?

Respondente: Acho que sim... Mexe com ossada, pessoa morta. Eu acho que é isso! Tem gente que nem. Nem se aproxima assim, ne!

Entrevistadora: E você, você se discrimina? Você se envergonha da profissão que você escolheu?

Respondente: Não! Acho normal como qualquer outro, né!

Entrevistadora: Você acredita que seu trabalho como coveiro ele é imprescindível no mundo do trabalho?

Respondente: Eh! Tem que ter, né!

Entrevistadora: E porque você acha que tem que ter?

Respondente: Ficaria difícil, né! Como é que a gente ia sepultar um ente querido se não tem uma pessoa pra fazer isso, né! Eu acho que seria mais doloroso para família tem que fazer isso, né! Se não tivesse, aí tinha que fazer, né!

Entrevistadora: Como que é agora pra você também lidar com a morte todos os dias?

Respondente: Eh!!! Como é que eu posso te falar... é normal ao mesmo tempo é muito dolorido, né! Como a gente perde um ente querido da família. Eh!!! Dói mais, né! Mais a gente vê o sofrimento das pessoas que chaga aqui para sepultar um ente querido, a gente vê o sofrimento também. E a gente fica comovido também com isso, né!

Entrevistadora: Quais as dificuldades que seu trabalho lhe traz na sua vida pessoal, profissional, como esposo, pai etc.?

Respondente: No começo, sim. Mas, agora não! Não! Assim eh... Chegava a hora de fazer um sepultamento, via a pessoa chorando ai ficava meio ressentido, né! Mas, agora está meio que normal. Por que, na situação que já se adaptou, né! Meio que normal, agora

Entrevistadora: Obrigada.

ENTREVISTADO C**1) Perfil**

Nome: ENTREVISTADO C Idade: 51 anos.

Sexo: (x) M () F () Outro Cor: Preta.

Naturalidade: Vale Rico – MT Mora em Rondonópolis há 40 anos.

Estado civil () casado () solteiro () separado () viúvo (x) outro/amasiado.

Tem filhos () sim (x) não.

Escolaridade – Ensino Fundamental () completo (x) incompleto () estudando
Ensino Médio () completo () incompleto () estudando
Ensino Superior () completo () incompleto () estudando

Religião: Católico não praticante.

Faz uso de bebida alcoólica () sim (x) não.

Fumante (x) sim () não.

2) Caracterização da profissão de coveiro:

Entrevistadora: Antes de ser coveiro, você trabalhava em qual profissão?

Respondente: Operador de máquinas.

Entrevistadora: Trabalha como coveiro a quanto tempo?

Respondente: 17 anos.

Entrevistadora: Qual sua renda em salário mínimo?

Respondente: 02 salários mínimos e meio.

Entrevistadora: Como é seu vínculo trabalhista?

Respondente: Terceirizado. Carteira Assinada.

Entrevistadora: Como que é o vínculo na sua carteira de trabalho?

Respondente: Eu mesmo na carteira eu não sou coveiro, na carteira eu sou pedreiro e faço a função de coveiro. Eu e o outro de coveiro, ne. Ele é jardineiro, mas quando o trem aperta nos embola ele junto, trabalha tudo junto. Nos trabalha tudo em equipe.

Entrevistadora: Você trabalha quantas horas por dia ou por semana?

Respondente: Tem escala. A gente trabalha 05 dias e folga 01. Faz 08h/dia.

Entrevistadora: Você faz horas extras?

Respondente: As vezes sim! Muito raramente.

Entrevistadora: Você faz por Banco de Horas?

Respondente: Não.

Entrevistadora: A empresa disponibiliza equipamentos de proteção individuais (EPI's)?

Respondente: Sim.

Entrevistadora: E você usa?

Respondente: sim.

Entrevistadora: Qual foi a exigência que a empresa fez, quando te contratou como coveiro?

Respondente: Nenhuma.

Entrevistadora: Você recebeu formação específica para ser coveiro, treinamento?

Respondente: Não.

3) A profissão de coveiro, inserida no mundo do trabalho

Entrevistadora: Como que você escolheu a profissão de coveiro?

Respondente: Não é porque gosto, mas porque precisa.

Entrevistadora: Quais são os sentidos para o trabalho (de coveiro) que você realiza? Ou, como você se sente perante a sua família/amigos/conhecidos em relação a sua profissão? Enfim, como você vê seu trabalho aqui no cemitério?

Respondente: Pra mim é normal. É como qualquer outro serviço qualquer. Pra mim não faz diferença.

Entrevistadora: Quais são suas perspectivas em relação a sua vida profissional? Já pensou em mudar de profissão?

Respondente: Eu te, eu tenho! Mas, só que a idade já avançada também, nuh!

Entrevistadora: Como que você acredita que a sociedade enxerga o seu trabalho como coveiro? Ou será que ela não enxerga?

Respondente: Rapaz! Nem todos.. Mas, muitos... muito enxergam pro lado errado, por causa que discrimina muito a gente, né.

Entrevistadora: Você acredita que a sociedade, ela reconhece o seu trabalho?

Respondente: Tem muitos que reconhece. Tem muitos que você acaba de fazer o sepultamento, ele vem te agradece tudo, mas já tem outros...

Entrevistadora: Elas veem vocês como?

Respondente: Tá que nem perto de casa, moço! Morreu um cara lá e eu peguei foi lá no velório chamar um amigo da gente que mora do lado da casa da gente. Quando eu cheguei o cara já olhou para mim. Oh! lá, lá, lá, oh! Já vem o coveiro buscar. Olha pra você vê!

Entrevistadora: Brincadeira de mal gosto, hein!

Respondente: O coveiro já veio buscar, falei: rapaz, eu não trabalho de funerária, não! Eu recebo é lá não busco não!

Entrevistadora: É verdade. Você não tem que fazer isso!

Respondente: Só que tiro sarro assim, tiro de letra e vou embora. (...) discute! fica brigando por causa de (...).

Entrevistadora: Você acredita que as pessoas te discriminam pela escolha da sua profissão?

Respondente: Por exemplo, igual eu no ônibus. Uma vez, eu vinha de ônibus, nessa época eu não tenha moto eu andava era de ônibus. Eu vinha pegado a mão no canto ai a mulher chegou e triscou na minha mão ela saiu limpando e segurando as mão nos bancos foi para lá atrás.... Só porque a mulher triscou na minha mão, ela saiu de fasta até ela chegar lá atrás do ônibus grudando pelas cadeiras. Só porque olhou o emblema da minha camisa. Isso aí já é uma discriminação. Pois é, isso é uma... uma coisa que, por a gente ser coveiro... Mas, a gente também... tem que ter o respeito pela gente porque não é por causa que a gente tá... no trabalho desse não é porque gosta, porque sempre a gente... faz porque precisa, né.

Entrevistadora: Como que você percebe esse preconceito?

Respondente: É tipo um racismo. Por que, eu mesmo, como já falei.... já teve vez deu dentro do ônibus... eu vim com o banco vazio do lado pa nego não sentar perto de mim por causa dessa roupa. Só foi olhar na minha roupa, quando viu esse emblema, (...) foi para lá trás.

Entrevistadora: E você, você se discrimina? Você se envergonha da profissão que você escolheu?

Respondente: Não.

Entrevistadora: Você acredita que seu trabalho como coveiro ele é imprescindível no mundo do trabalho? Ele tem que existir?

Respondente: Tem! Eu penso o seguinte, se por exemplo, não existisse esse negócio de enterrar a pessoa como que ia fazer? Tem que ter outro. Tem que fazer, né.

Entrevistadora: Como que é agora pra você também lidar com a morte todos os dias?

Respondente: Rapaz, é meio esquisito, viu... (risos). A única coisa que a gente tem certeza na vida é a morte. Outra coisa a gente não pode esperar.

Entrevistadora: É tranquilo pra você lidar com a morte?

Respondente: Não, não é tranquilo, não é pra ninguém. Mas, é mais fácil pra gente controlar... os sentimentos da gente.

Entrevistadora: Quais as dificuldades que seu trabalho lhe traz na sua vida pessoal, profissional, como esposo, pai etc.?

Respondente: Não sei porque que a gente ai (...). pratica naquilo, né. É costume! Que eu não tenho dificuldade nenhuma!

Entrevistadora: Obrigada.

ENTREVISTADO D

1) Perfil

Nome: ENTREVISTADO D Idade: 71 anos.

Sexo: (x) M () F () Outro Cor: Parda.

Naturalidade: São Desidério – Ba Mora em Rondonópolis há 22 anos.

Estado civil () casado (x) solteiro () separado () viúvo () outro/amasiado.

Tem filhos () sim (x) não.

Escolaridade – Ensino Fundamental () completo (x) incompleto () estudando
 Ensino Médio () completo () incompleto () estudando
 Ensino Superior () completo () incompleto () estudando

Religião: Católica/Espírita.

Faz uso de bebida alcoólica () sim (x) não.

Fumante (x) sim () não.

2) Caracterização da profissão de coveiro:

Entrevistadora: Antes de ser coveiro, você trabalhava em qual profissão?

Respondente: Operador de máquinas.

Entrevistadora: Trabalha como coveiro a quanto tempo?

Respondente: 12 anos.

Entrevistadora: Qual sua renda em salário mínimo?

Respondente: 02 salários mínimos e meio (é aposentado e na renda declarada já está somado o valor recebido pela aposentadoria).

Entrevistadora: Como é seu vínculo trabalhista?

Respondente: Terceirizada... Carteira assinada.

Entrevistadora: Como que é o vínculo na sua carteira de trabalho?

Respondente: Serviços gerais/jardineiro. Nois tudo faz uma coisa só. Faz enterro tudo. Aqui nois é um pelo outro, né.

Entrevistadora: Você trabalha quantas horas por dia ou por semana?

Respondente: É de 5 x 5 dias. Trabalho 5 e folgo 1 dia. 8 horas por dia...

Entrevistadora: Você faz horas extras?

Respondente: As vezes sim! Muito raramente.

Entrevistadora: Você recebe por elas ou você faz por Banco de Horas?

Respondente: Recebe.

Entrevistadora: A empresa disponibiliza equipamentos de proteção individuais (EPI's)?

Respondente: Sim.

Entrevistadora: E você usa?

Respondente: Sim.

Entrevistadora: Qual foi a exigência que a empresa fez, quando te contratou como coveiro?

Respondente: Nada, não exigiram nada!

Entrevistadora: Você recebeu formação específica para ser coveiro, treinamento?

Respondente: Não.

3) A profissão de coveiro, inserida no mundo do trabalho

Entrevistadora: Como que você escolheu a profissão de coveiro?

Respondente: Oh! Para começar, estudo a gente não tem, e outra apareceu uma oportunidade eu estou até hoje. Há 12 anos, aqui né. Falar a verdade, né.

Entrevistadora: Quais são os sentidos para o trabalho (de coveiro) que você realiza? Ou, como você se sente perante a sua família/amigos/conhecidos em relação a sua profissão? Enfim, como você vê seu trabalho aqui no cemitério?

Respondente: Não! Eu acho assim, que é normal para nois, é um serviço comum, que nois, só mexe com o sentimento dos outros, né. Para nois que está acostumado, nois temos que fazer então nois não podemos fazer nada, né.

Entrevistadora: Quais são suas perspectivas em relação a sua vida profissional? Já pensou em mudar de profissão?

Respondente: Eu não! Por que quando eu for sair eu não vou trabalhar mesmo... (risos) Eh! Eu vou parar, né!

Entrevistadora: Como que você acredita que a sociedade enxerga o seu trabalho como coveiro? Ou será que ela não enxerga?

Respondente: Não! Pior que não. Nois é condenado! Nois é condenado aqui!

Entrevistadora: Você acredita que a sociedade, ela reconhece o seu trabalho?

Respondente: Pouco... Mais é pouco! Mais outros não! Que fica é rindo da cara da gente.

Entrevistadora: Elas veem vocês como?

Respondente: Eh! Que! Não dar valor em nois, nois é tipo a pessoa... Nois tá eu e o cara chega é poucos que agradece os outros... fica a é o coveiro... é isso é aquilo... é os urubus... (risos), é papa defunto, então... tudo isso é...é... é, eles condenam nois.

Entrevistadora: Você acredita que as pessoas te discriminam pela escolha da sua profissão?

Respondente: Sim... Qual que profissão que você está fazendo lá, chega um bêbado da fãmia já mete a boca xinga a gente tudinho. Então... Mais, é desse jeito!

Entrevistadora: E você, você se discrimina? Você se envergonha da profissão que você escolheu?

Respondente: Eu não! Eu faço por que gosto!

Entrevistadora: Então, me explica um pouquinho? Por que você não se envergonha dessa profissão?

Respondente: Eu acho que aqui é nosso ganha pão, né. Nois vive disso aqui, né.

Entrevistadora: Você acredita que seu trabalho como coveiro ele é imprescindível no mundo do trabalho?

Respondente: Pior que é verdade! Eu acredito que precisa se não te... se não te... nois para fazer sepultamento. Tem que ter outro, né.

Entrevistadora: Porque você acha que é imprescindível?

Respondente: Ai a fãmia que tinha que enterrar, né. Ia no cemitério da fãmia pra abrir o buraco pa(...) fazer o enterro... e... abrir uma gaveta dessa ai exumar tirar os ossinhos da pessoa, né.

Entrevistadora: Como que é agora pra você também lidar com a morte todos os dias?

Respondente: Esse ai que é mais difícil. Por que um dia a gente vai morrer... Eh! Isso ai é! Para mim, para nois aqui é normal, porque nois trabalha aqui dentro, né. Que um

dia que, um dia é eu outro dia é outro. Todo dia nois faz sepultamento aqui 5; 3; 4; 5 igual, mas ele só, no sábado e no domingo a gente enterrou 9. Então nois, já acostumou nessa lida, né. Que é mostrar que nois nem lembra que o cara morre nois só lembra na hora que esta enterrando, o enterro é as 4 horas, então é duro, que muitas vezes nois vê o sofrimento da família, né.

Entrevistadora: Quais as dificuldades que seu trabalho lhe traz na sua vida pessoal, profissional, como esposo, pai etc.?

Respondente: Eu não!

Entrevistadora: Obrigada.

Entrevistadora: Você faz horas extras?

Respondente: Não.

Entrevistadora: A empresa disponibiliza equipamentos de proteção individuais (EPI's)?

Respondente: Sim.

Entrevistadora: E você usa?

Respondente: Sim.

Entrevistadora: Qual foi a exigência que a empresa fez, quando te contratou como coveiro?

Respondente: Ensino Fundamental incompleto.

Entrevistadora: Você recebeu formação específica para ser coveiro, treinamento?

Respondente: Não. Aprendi com os colegas.

3) A profissão de coveiro, inserida no mundo do trabalho

Entrevistadora: Como que você escolheu a profissão de coveiro?

Respondente: O que me levou a escolha foi oh... como se diz eh... a precisão, eu tava precisando do serviço e como já se viu... eu não escolho aonde trabalhar.

Entrevistadora: Quais são os sentimentos para o trabalho (de coveiro) que você realiza? Ou, como você se sente perante a sua família/amigos/conhecidos em relação a sua profissão? Enfim, como você vê seu trabalho aqui no cemitério?

Respondente: Como eu sou visto perante a minha ah!!! Eh!!! Assim, a princípio ele num... não tem nada contra, minhas filinhas até gosta de falar (risos)... falar pros outros amigos que tem um pai coveiro. A princípio eu fiquei até meio assim... um pouco com medo da maiorzinha sofrer um tipo de... sei lá de... de brincadeira na escola. Ela falar isso! Mas, não ela não liga para isso não.

Entrevistadora: E você, como você se vê nessa profissão?

Respondente: Como eu me vejo? Olha eu gosto muito do que eu faço. Aprendi a gostar muito do que eu faço. Hoje eu não me vejo fazendo outro serviço não, entendeu! É... Essa área de coveiro, pedreiro... eu gosto do que eu faço.

Entrevistadora: Quais são suas perspectivas em relação a sua vida profissional? Já pensou em mudar de profissão?

Respondente: Olha, pensar a gente pensa, eu até a princípio falei com minha esposa, esse ano não que não dá mais. Mas, ano que vem eu pretendo terminar meus estudos que eu não terminei, é incompleto o 3º ano. E fazer uma faculdade eu gosto muito de Educação Física.

Entrevistadora: Como que você acredita que a sociedade enxerga o seu trabalho como coveiro? Ou será que ela não enxerga?

Respondente: Como a sociedade enxerga meu trabalho? Olha, creio eu, que a gente é pouco lembrado. Tanto pela sociedade... é que, você vê muitas vezes a prefeitura fala bem assim: vamos colocar os serviços que seriam essenciais que ficariam abertos aos feriados, falam todos os órgãos. Mas, não fala o cemitério. Cemitério não fecha é de domingo a domingo!

Entrevistadora: As pessoas veem vocês como?

Respondente: É pouco vista essa... de coveiro é pouco falado! O pessoal só lembra de coveiro quando tá perto dos dias dos finados.

Entrevistadora: Ainda se lembra do cemitério, não do coveiro.

Respondente: Isso, lembra do cemitério.

Entrevistadora: Você acredita que a sociedade, ela reconhece o seu trabalho?

Respondente: Não minha opinião não! Não!

Entrevistadora: Você acredita que as pessoas te discriminam pela escolha da sua profissão?

Respondente: Olha eu nunca presenciei isso comigo não, até pelo contrário. As pessoas que frequenta mais o cemitério, vem mais fazer visita é sempre alegre, nossa você tem coragem, tem que te coragem para trabalhar aonde você trabalha. Por que, a gente mexe com todo tipo de situação, entendeu! Não é só sepultar, as vezes você tem que fazer retirada também. Também não é qualquer um que se disponibiliza para fazer esse tipo de serviço.

Entrevistadora: E você, você se discrimina? Você se envergonha da profissão que você escolheu?

Respondente: Não!

Entrevistadora: Você acredita que seu trabalho como coveiro ele é imprescindível no mundo do trabalho?

Respondente: Sem sombra se duvidada! Eu falo assim que... cada profissão tem a sua... sua avalia, né! A minha por exemplo, tem um médico que precisa... você precisa de um médico ou a família que perde um ente querido ela precisa de alguém para fazer aquele tipo de serviço ou acaba sobrando para ela mesmo. Entendeu! Eu acho que é indispensável, né!

Entrevistadora: Como que é agora pra você também lidar com a morte todos os dias?

Respondente: Olha no começo foi meio complicado, hoje a gente já acostumou, já... aquilo ai já se tornou uma rotina pra mim... entendeu!? Olha eu não procuro ficar pensando nisso não. Falar a verdade... se for parar para pensar você fica doido... Eu nem gosto de ficar pensando...

Entrevistadora: Quais as dificuldades que seu trabalho lhe traz na sua vida pessoal, profissional, como esposo, pai etc.?

Respondente: Com relação ao trabalho... Dificuldade mais é porque a gente aqui num... tem férias, a gente num tem um tempo hábil. Ah! Vou passar uma temporada com a minha família sair... passear, porque a gente é que nem falei para você trabalho 2 dias e folgo 1. Esse um dia você não pode nem sair para viajar, um dia só. No outro dia você tem que tá aqui. Entendeu! Então isso ai acaba atrapalhando, nunca reclamo porque também nunca num...

Entrevistadora: Mas você não tira férias? Nem uma vez ao ano?

Respondente: Nunca tirei. Olha, segundo eles a gente não tem esse direito, entendeu. Dá as férias. Entendeu. Quando eu tava trabalhando na Prefeitura sim eu tinha direito. Mas acabei nunca tirando talvez por escolha, também nunca tirei não.

Entrevistadora: Mas recebia em valores?

Respondente: Quando era na Prefeitura sim, sempre era remunerado as férias, da cooperativa até porque esse é o primeiro ano, né! Da cooperativa ainda não seu tempo entendeu! Isso ai a gente tá meio por fora o que vai acontecer. Mas, pelos regulamentos lá, creio eu que não tem direito não. Olha eu comecei a ter as férias eh... antes de entrar na cooperativa eh... uns 3 anos antes disso a gente começou a ter férias isso porque a gente era contratado pela Prefeitura, de contratado agente passou a ser cargo nomeado... era cargo com nomeação ai passou a ter 13º salario, passou a ter as férias, passou a ter plano de saúde, hoje... a gente não tem mais esse plano de saúde porque saiu da prefeitura foi para cooperativa, ai o plano de saúde a gente perdeu também... É a gente perdeu isso ai, entendeu!

Entrevistadora: Obrigada.

Respondente: 48 horas semanais. 08 horas por dia. Devido a um acordo informal, a carga horária é flexibilizada, oportunizando o trabalhador estudar curso universitário, no período matutino. A complementação da carga horária se faz com plantões aos sábados, domingos e feriados, conforme a necessidade; inclusive no período da manhã em dias letivos de aulas, se houver algum sepultamento para ser realizado.

Entrevistadora: Você faz horas extras?

Respondente: Se necessário, sendo no máximo até 03 horas/mês.

Entrevistadora: A empresa disponibiliza equipamentos de proteção individuais (EPI's)?

Respondente: Sim.

Entrevistadora: E você usa?

Respondente: Sim! Quando é necessário... é... quando eu tenho que fazer esse serviço que é mais minucioso, tem que ser com mais cautela, então eu tenho que usar... tenho todos os recursos, equipamentos que eu tenho que usar óculos, bota, luvas, né! Todo esse equipamento, tem que ser utilizado.

Entrevistadora: Qual foi a exigência que a empresa fez, quando te contratou como coveiro? Tinha algum critério para a vaga ser preenchida?

Respondente: Não, na verdade! Tinha um critério. E qual era o critério? O critério é a pessoa ter coragem de enfrentar... é o que eu falo... é o critério... coragem de lidar com certos tipos de situações como essa que eu to falando... que não é qualquer um... por que muitas pessoas num... o critério é esse... é você tá preparado a parar por várias situações... que é inevitável você passar num lugares que você tem que tá preparado... nessa questão... e... de... estudo é o você ser dizer...

Entrevistadora: Mais esse critério é da pessoa não é da vaga.

Respondente: Não! Mais eu não falo para você... a pessoa pode tá o que for mas se falar para trabalhar no cemitério e mexer com exumação, não é qualquer um! Como eu falei que faz... eu sei que é um caso pessoal... sim... pessoal... mas, vem falando certinho... é que nem trabalhar em hospital né... nem todo mundo tem estomago para trabalhar em hospital... esse é um dos critérios, né! Éh!!! Não tem... eh!!! Eu acredito, assim... se isso for um dos critérios... mais...

Entrevistadora: Você recebeu formação específica para ser coveiro, treinamento?

Respondente: Quando eu entrei sim, eu tive um treinamento, explicações sobre como trabalhar como fazer exumação, equipamentos, os EPI's né que deve ser utilizado, né! Teve todo um treinamento!

Entrevistadora: Muito bom, você é o primeiro entrevistado que declara ter recebido treinamento.

Respondente: Não! Eu acho que é um serviço que tem que ser muito orientado. Até para evitar, que você vai lidar ali com bactérias, pessoas que morreram com vários tipos de doenças, você tem que ter um treinamento, uma explicação sobre o assunto, pra num tá... com problemas, entendeu! Eu acredito que sim, é bom!

3) A profissão de coveiro, inserida no mundo do trabalho

Entrevistadora: Como que você escolheu a profissão de coveiro?

Respondente: Como eu escolhi? Na verdade, não foi bem uma escolha! Foi por necessidade, né! Que eu moro aqui na vila, e através da facilidade. Eu trabalhava na cidade e eu tinha que sair daqui correndo risco. Ai eu optei, eu encontrei essa vaga aqui, optei trabalhar aqui perto de casa, mais por facilidade. Eh!!! Praticidade...

Entrevistadora: Quais são os sentidos para o trabalho (de coveiro) que você realiza? Ou, como você se sente perante a sua família/amigos/conhecidos em relação a sua profissão? Enfim, como você vê seu trabalho aqui no cemitério?

Respondente: Ai eu, eu me sinto contente, gratificado por isso. Por que é um serviço normal como qualquer um. Até, por que a gente atende uma demanda de... nos últimos momentos de uma família está ali diante de um parente que perdeu. E me sinto bem diante da minha família dos meus amigos, por que é um serviço e dependo e pra mim eu me sinto assim...

Entrevistadora: Quais são suas perspectivas em relação a sua vida profissional? Já pensou em mudar de profissão?

Respondente: Na verdade, minha vida profissional. Eu penso... eu tô estudando eu faço curso de história na UFMT tô no 5º semestre. Agora tá na greve deu uma paradinha mais acredito que vai continuar. Eh... minha esperança é melhoras né! Isso daqui é apenas um serviço que eu tenho por enquanto, mais isso daqui não tem nada seguro apenas melhorar e terminar o curso superior se eu poder fazer ou fazer uma pós é se eu conseguir fazer num sei Deus sabe! E melhorar né! A tendência é essa!

Entrevistadora: Como que você acredita que a sociedade enxerga o seu trabalho como coveiro? Ou será que ela não enxerga?

Respondente: Muitas vezes, eu observo e vejo até aqui pelas pessoas que vem aqui no cemitério, acompanhando o sepultamento dos seu parentes. Aohhh! Uma rejeição né! Assim, por que eles consideram que isso aqui é um serviço, assim, complicado e para eles, eles tem na cabeça que tem espírito, aparecem espíritos, assombrado, então, o meu pensamento é que eles tem uma imagem de exorcismo parece na cabeça sobre cemitério.... mas não tem nada haver... eu penso que a população pensa dessa forma... mas quando, na verdade, na verdade o cemitério é um lugar aonde tem memórias que permanece, por que isso aqui é apenas matérias. Mas a memória permanece são memórias indelévels, quer dizer: continua para sempre...

Entrevistadora: Você acredita que a sociedade, ela reconhece o seu trabalho?

Respondente: Muitas vezes, quando acaba de fazer um sepultamento, muitas pessoas reconhecem... algumas, né não todas... agradece esse aí é o seu serviço, então, é um serviço como qualquer um, muitos falam como qualquer um... você prestou seu serviço bem né! Fiz! Mas, outros, na verdade! Não! Não, consideram né! Ou seja, não é que não consideram! Menosprezam... rejeitam... (risos), ah uma rejeição, né!

Entrevistadora: Você acredita que as pessoas te discriminam pela escolha da sua profissão?

Respondente: Sim, 90%. Tem pessoas que não gostam nem de andar perto de coveiro, se você fala que você é coveiro! Não, não quero andar perto dele não ele é perigoso... (...) pelo lugar que ele trabalha... não! Mais tem, infelizmente! Há pessoas com esse pensamento medíocre, né! Eu falo que é medíocre, por que (...) não tem nada haver! O serviço em si, o que vai acontecer. O que cada um eu acredito em Deus! Sou evangélico, eu acredito! Cada um, a partir do momento que nasce! Deus da uma senha, e no dia que essa senha a gente não sabe. A gente não sabe o dia que vai ser nossa vez, então! Essa questão de vai eh... mudar alguma coisa, que vai trazer a morte ou vai me trazer consequência, problemas, tem pessoas que nem tomam nem água daqui, eu ofereço água vem aqui se toma... toma água aqui... nem é daqui eu muitas vezes eu pego lá em casa e coloco aqui na geladeira, né! Não é questão nenhuma. Mas, eu falo pra pessoa não! Não vou tomar água do cemitério... tem nada haver... Questão, uma coisa com a outra... se fosse assim, então, os coveiros ia começar tudo ia trabalhar e ia morrer... eu conheço um colega meu que trabalha há 10 anos 15 anos 20 anos...

Entrevistadora: E você, você se discrimina? Você se envergonha da profissão que você escolheu?

Respondente: Negativo! Me sinto bem, não me discrimino! Por que, eu... tenho que me valorizar, eh!!! Prestar atenção no meu serviço. E se eu não me valorizar, ninguém vai me valorizar o serviço que eu faço! É um serviço que é menosprezado, é um serviço que rejeitado, mas é ao mesmo tempo um serviço necessário infelizmente. Infelizmente, infelizmente é necessário!

Entrevistadora: Você acredita que seu trabalho como coveiro ele é imprescindível no mundo do trabalho? É necessário?

Respondente: É necessário! Com certeza! Com certeza! ... é necessário um serviço, claro que é, sempre tem que ter algum para fazer esse serviço. Como que fica, né! Tem que ter alguém! Para fazer esse serviço, ou seja, não é todo mundo que faz esse serviço quando fala assim, é ah vamos sepultar... ah vamos fazer uma exumação... a mais o que... que é exumação? O que é isso exumação? A exumação é... sepulto ali... você vai ter que abrir ... não é todo mundo que tem ... você vai ter que abrir aquele... né! Vai abrir arrancar os restos mortais, né! Tá ali! E lacrar e não é todo mundo que faz esse serviço! Por isso, que nem todo mundo faz esse serviço, por isso que é um serviço necessário. E tem que ter uma pessoa que tenha essa coragem de fazer que não é qualquer um que faz.

Entrevistadora: Porque você acha que é imprescindível?

Respondente: Tem que ter alguém que faz.

Entrevistadora: Como que é agora pra você também lidar com a morte todos os dias?

Respondente: Na verdade, eu sendo evangélico e crendo que há uma vida após a morte é como nos cremos na bíblia. Eu penso que a morte é uma realidade... até por que o homem foi feito segundo a bíblia para viver uma vida eterna, mas devido o pecado e Deus fez... né... que o homem morresse. Trabalho, morresse... naturalmente eh!!! Sabendo que há uma esperança para aquele que morrem em cristo. Isso que eu não me preocupo muito eh... é claro que como ser humano e frágil e pensamento fracos que temos e muitas vezes ficamos até com medo, mais não, não fico com medo tanto assim não! Mais a morte é uma realidade e acredito que as pessoas estejam se preparando para esse dia. Né! Que esse dia vai chegar querendo ou não... Segundo a bíblia se a pessoa não acontecer o arrebatamento na igreja que eu acredito no arrebatamento da igreja levando pro um lado pessoal eu acredito que seja uma pergunta pessoal. Falando o que eu penso sobre a morte. É isso daí, e o arrebatamento é a pessoa vai ser arrebatada né segundo a bíblia. Eh ou a qualquer momento como o apóstolo Paulo falou: **“Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo juiz, naquele dia; e não somente a mim, mas a todos quantos amoram a vida do senhor”**. Então, a gente tem que tá preparado para esse dia, que a qualquer momento pose acontecer... meu pensamento é sobre isso aí... é assim... é baseado na bíblia que eu sou evangélico nasci na igreja, meu pai é pastor na assembleia de Deus... e meus pensamentos somente é isso...

Entrevistadora: Quais as dificuldades que seu trabalho lhe traz na sua vida pessoal, profissional, como esposo, pai etc.?

Respondente: Dificuldades?! Não! Não me da dificuldade até por que eu não relevo que certas pessoas pensam que elas acham... eu acho que eu tenho que levar a sério que eu propus a vida e o alvo que eu quero alcançar e isso daí para ser alcançado muitas vezes você não pode olhar pro lado observar o que falam... meu pensamento é esse ai... não me atrapalha até por que tó estudando e quero continuar estudando e me preparando que o dia de amanhã só pertence a Deus, né! Não sabemos o dia de amanhã. Mas, tudo pode acontecer e nós temos que se tivermos com vida estamos preparados para enfrentar, se não Deus que sabe! Então esse é meu pensamento é esse aí...

Entrevistadora: Obrigada.